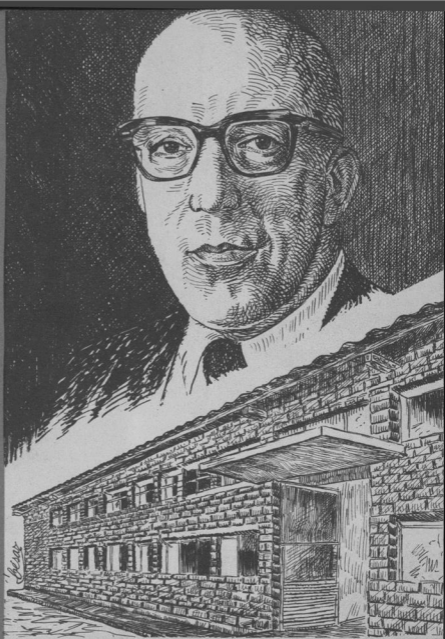


Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais  
Departamento de Educação



# Revista do Ensino

ANO XXXII

ABRIL DE 1963

N.º 214

**REVISTA DO ENSINO**  
**SECRETARIA DA EDUCAÇÃO — MINAS GERAIS**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**DIRETOR-REDATOR: Elisabeth Vorcaro Horta**



**COLABORARAM NESTE NÚMERO:**  
**NA ORDEM DE COLOCAÇÃO DOS ARTIGOS:**

- ELISABETH VORCARO HORTA** — *Professora da Faculdade de Filosofia da UMG — Diretora da "Revista do Ensino" e Assessora da Revista da Universidade de Minas Gerais.*
- JOSÉ DE MAGALHÃES PINTO** — *Governador do Estado de Minas Gerais.*
- ARTHUR VERSIANI VELLOSO** — *Professor de Filosofia — Diretor da Faculdade de Filosofia da UMG.*
- MELÂNIA SILVA** — *Professora do Colégio Estadual de Minas Gerais.*
- DULCE SILVEIRA DE CASTRO** — *Chefe de Seção da Secretaria da Educação.*
- MARIA YVONNE ATALÉCIO DE ARAÚJO** — *Professora em exercício no P. A. B. A. E. E.*
- HELENA JORGE** — *Diretora-Técnica.*
- MARIA A. PASSOS DO CARMO** — *Orientadora do Ensino Primário do Departamento de Educação.*
- HILDA S. SOARES FONSECA** — *Do Serviço de Orientação Educacional da Secretaria da Educação.*
- SALVADOR PIRES PONTES** — *Inspetor Seccional de Ensino — Farmacêutico da Reserva de Saúde do Exército Nacional.*
- ANTÔNIO RIBEIRO DE AVELAR** — *Inspetor Seccional de Ensino.*
- DUNTALMO PRASERES** — *Inspetor Seccional de Ensino.*
- JOSÉ GUIMARÃES ALVES** — *Diretor da Imprensa Oficial de Minas Gerais.*
- ANTÔNIO CAMILO DE FARIA ALVIM** — *Professor da Faculdade de Filosofia da UMG — Ex-Diretor da Faculdade de Filosofia da UMG.*
- LEVINDO LAMBERT** — *Inspetor Seccional do Ensino — Ex-Secretário da Educação.*
- JOSÉ GUERRA PINTO COELHO** — *Reitor do Colégio Estadual de Minas Gerais.*
- AIRES DA MATA MACHADO FILHO** — *Filólogo — Professor da Faculdade de Filosofia da UMG.*
- WILTON CARDOSO** — *Professor da Faculdade de Filosofia da UMG — Ex-Reitor do Colégio Estadual de Minas Gerais — Membro do Conselho Estadual de Educação.*
- MARTINS DE OLIVEIRA** — *Presidente da Academia Mineira de Letras.*
- OSWALDO NEVES MASSOTE** — *Presidente da Associação Mineira de Imprensa e da Caixa Econômica Federal.*

**NOSSA CAPA:**

*Dr. José de Magalhães Pinto, Exmo. Governador do Estado de Minas Gerais — Fotografia de um dos Anexos do Colégio Estadual de Minas Gerais, há pouco inaugurado.*

# REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

## INTRODUÇÃO

O n.º 214 da "Revista do Ensino", que agora entregamos ao leitor, o 6.º número da Nova Fase, assinala o fato mais auspicioso para o futuro da "Revista do Ensino": trata-se da Lei n.º 2.829, de fevereiro de 1963, que põe sobre a "Revista do Ensino", órgão oficial da Secretaria da Educação.

Longos anos se passaram e muitos esforços anônimos foram feitos para que, da continuidade laboriosa, pudesse resultar uma lei, específica da Revista, a reger-lhe os destinos.

Esses esforços não se dirigiram de início diretamente à obtenção de uma lei, mas a fazer, e fazer bem, a "Revista do Ensino" de Minas Gerais. Assim a Revista foi aceita no nosso meio e ultrapassou fronteiras, valorizada como contribuição cultural de alto nível.

Chegara a sua hora, aquela que a velha filosofia chinesa prevê para cada situação: "Tôdas as coisas têm seu tempo para amadurecer, quanto mais a forma de uma Nação".

Iniciou-se, então, o longo caminho que resultou na Lei n.º 2.829. Partiu da Secretaria da Educação, que tem à frente o Dr. José de Faria Tavares, justamente homenageado no nosso último número, homem atento aos problemas da sua Secretaria e que os enfrenta com determinação e acerto, com a colaboração do Chefe do Departamento de Educação, o Dr. Antônio Augusto de Mello Cançado, e também do Dr. Silvestre Gomes Freire de Andrade, que deu parecer ao anteprojeto remetido à Assembléia Legislativa.

A elaboração do anteprojeto levou-nos à redação da "Jurisprudência Mineira", onde obtivemos informações preciosas do Sr. Hélio Bedran.

Na Assembléa Legislativa, no último período, o anteprojeto, que tomara o n.º 3.507, passou pelos eventos naturais aos projetos governamentais. Entretanto, a sua passagem pela Assessoria Jurídica, nas mãos do Dr. Hércules Diez Ventura, já o predispunha à vitória. Esta chegaria depois de muitos meses, graças inclusive aos esforços admiráveis do Dr. Luis Maranhã. O então líder do Governõ mostrou-se conhecedor da importância do projeto para a própria sobrevivência da Revista, que se iniciara em 1925 como um anexo do "Minas Gerais", e que enfrentara em sua história os percalços da manutenção de um ideal de cultura, em meio às dificuldades de pessoal, de verbas, e de colaborações, mantendo-se sem embargo, embora com intervalos de anos. Ali na Assembléa, outros deputados colaboraram e tornaram possível o êxito. Lembrariamos, entre outros, Ciro Maciel, Presidente da Comissão de Educação e Cultura, Hugo Aguiar, Pedreira Cavalcanti, Gregoriano Canêdo, Gomes Moreira, Geraldo Landi, Wilson Modesto e Klein Dutra, que assinaram na Comissão de Finanças, Orçamento e Tomada de Contas o parecer em 2.º e 3.º discussão do projeto.

Também na Assembléa Legislativa não poderíamos deixar de lembrar de modo muito especial os bons officios de Adonis Moreira, secretário daquela Casa, a quem rendemos aqui justa homenagem.

Depois d'êste longo caminho, o projeto foi à sanção governamental, encontrando a compreensão imediata, em vista de seu valor para a cultura mineira, do Sr. Governador Magalhães Pinto, que o assinou em 8 de fevereiro de 1963.

Iniciativas d'êsse teor passam muitas vèzes apagadas na "feérie" dos acontecimentos diários e só as entendem e apoiam o governante esclarecido, cuja obra não se destina

aos aplausos de um momento, mas à repercussão que se alicerça a longo prazo, nas gerações que vão chegando. Assim aconteceu.

É, pois, com alegria que nesta introdução lembramos a série de acontecimentos, todos êles muito significativos, para o êxito final, sem esquecermos aquêle nome que pareceria o último da lista mas que foi realmente o 1.º quando, depois de alguns anos em que a "Revista" não saía publicada, envidou esforços para trazê-la novamente à luz: lembramos o Dr. Manuel Casassanta, então Chefe do Departamento de Educação de acôrdo com o Sr. Secretário da Educação.

A cada um, merecidamente, a homenagem da "Revista do Ensino", que se consubstancia na figura do eminente Governador de Minas, a quem reiteradamente agradecemos e honramos.

ELISABETH VORCARO HORTA

## CONCEITUAÇÃO EDUCACIONAL

## **“Educar é, em Grande Medida, Integração à Realidade de Cada Hora”**

Discurso do Governador de Minas na instalação do Conselho Estadual de Educação

*Na solenidade de posse dos novos membros do Conselho Estadual de Educação, cujo noticiário publicamos em outro local desta edição, o Governador Magalhães Pinto pronunciou o seguinte discurso:*

“Sirvo-me da oportunidade da posse e da instalação deste importante órgão, a fim de mais uma vez destacar os problemas da educação em nosso Estado, tema de minhas maiores preocupações, ainda antes de assumir o Governo.

Escolhidos entre figuras da mais alta categoria, nos três graus de ensino — primário, médio e superior — não há de ser para vós, ilustres mestres, que irei realçar alguns tópicos do nosso programa e do que já temos realizado em matéria de educação.

Bem sabeis que estamos empenhados na luta pela triplíce libertação da ignorância, da miséria e da doença, grilhões que aprisionam nosso povo e o imobilizam para a necessária arrancada em direção ao desenvolvimento espiritual e material, imperativo do nosso tempo.

A 10 de fevereiro de 1961, quando nos empossamos, havia em Minas cêrca de um milhão e cem mil crianças sem possibilidades de matrícula no curso primário, dado que, por si só, desmentia a nossa tradicional posição de lide-

rança entre os demais Estados, no tocante aos problemas educacionais. Hoje, podemos anunciar que semelhante "deficit" decresceu, já este ano, para setecentos e cinqüenta mil. Em 1963, esperamos reduzi-lo a quinhentos mil, e é nosso firme propósito eliminá-lo, em definitivo, ao término do nosso mandato.

#### *Ensino médio*

Quanto ao ensino médio, nossas carências são igualmente notórias, mas temos feito o possível para enfrentá-las. No próximo ano, o Colégio Estadual de Belo Horizonte já contará com quatro novos anexos, cuja construção empreendemos. Outras unidades serão instaladas no interior. Incluídos no plano de emergência do Ministro Darci Ribeiro, contaremos, em breve, com oito novos prédios para ginasios, um em Belo Horizonte, os sete restantes em outros municípios mineiros.

Eis amostras concretas da prioridade que emprestamos, no Governo, aos assuntos de educação. Temos, contudo, a consciência da enorme tarefa que ainda nos desafia, nesse campo.

O que importa é nos prepararmos pela educação, antes de tudo para vencer o nosso estágio de subdesenvolvimento, ao mesmo tempo em que nos ajustamos ao processo de mudança social em curso.

Não se admite continuarmos à margem do desenrolar da História, como se descressemos, previamente, de nossa capacidade realizadora. Ao procurarmos dar maior densidade humana à ação administrativa, é para o setor educacional que voltamos, de preferência, os nossos olhos. Nêle se opera mais vivamente a valorização do homem. O ensino pede, constantemente, renovação de mentalidade, trazida na adaptação de seu sistema aos problemas de cada fase histórica.

#### *Renovação salutar*

Acreditamos chegada a hora em que devemos iniciar verdadeira ação renovadora, pela educação, antes que outras revoluções, fundadas no despreparo cultural de nosso povo, realizem os objetivos contrários à formação cristã e às convicções democráticas dos brasileiros.

Na década de 1930, sob a inspiração de Francisco Campos, realizou-se a grande revolução pedagógica em nosso Estado, projetando Minas na vanguarda das iniciativas governamentais do país.

Os métodos de ensino achavam-se, então, perfeitamente ajustados à sua finalidade e às exigências da época.

Decorridos 30 anos, impõe-se harmonizar o ensino às transformações sócio-econômicas e científicas do nosso tempo. Mantida a preocupação básica de preparar o homem para se realizar como pessoa livre e consciente, há de se dar ênfase à necessidade de oferecer às novas gerações instrumentos aptos ao domínio de questões atuais e futuras de seu Estado e de seu país.

Educar é, em grande medida, integração à realidade de cada hora, a fim de que ao jovem não surprendam os desafios e os enigmas do presente e do futuro.

#### *A realidade de Minas*

Ora, a realidade de Minas, hoje, com as mudanças sociais e econômicas que a sacodem, em face de sua crescente urbanização e do impulso de industrialização que a domina, com seus conseqüentes problemas sociais, não pode deixar de constituir objeto de pesquisa e de meditação. Não só por parte de nosso magistério como também da imensa legião de estudantes que freqüentam as escolas, nos diversos graus de ensino.

Impõe-se, por isso, que o Grupo Escolar, o Colégio e a Universidade se transformem em unidades dinâmicas de influência sobre a mudança social em curso.

A escola em meios como o nosso, sujeito ainda aos anales do subdesenvolvimento, há de atuar, através dos alunos, sobre o marasmo e a estagnação do ambiente social, que precisa ser despertado para a consciência dos problemas fundamentais do país e do Estado, de cuja solução vão depender a felicidade e a segurança de nossos filhos.

#### *Nova mentalidade*

Necessário é se forme nova mentalidade, não só do magistério como da comunidade inteira, para a compreensão da problemática de nossas lutas e de nossas angústias sociais. Cumpre-nos, com esses propósitos, preparar homens livres e cidadãos úteis, capazes de amar entranhadamente e de servir os valores democráticos de nossa civilização. Amá-los e servi-los como ideal supremo dos povos que, empenhados em desenvolver-se, não se dispõem a trocar a liberdade pelos êxitos materiais dos regimes opressores.

Temos assim de forjar, dentro da escola dinamizada no rumo de nossa vocação democrática e cristã, os novos artifices da grandeza de Minas e do Brasil, dando-lhes condições para enfrentar o que está para vir, seja o que fôr, mas sobretudo, aptos a construir o que convier aos destinos de nosso povo.

A vós, membros do Conselho de Educação do nosso Estado, a convocação para participar da magna tarefa, de cuja conclusão, levada a bom termo, depende o julgamento que de nós fará a posteridade.

Congratulo-me convosco, e estou certo de que haveis de oferecer ao Governo a inestimável cooperação de vossa cultura, de vossa sensibilidade para os problemas da hora, de vossa capacidade de conduzir as novas gerações a uma participação mais viva e atuante na construção de nosso futuro.

## PROBLEMAS EDUCACIONAIS



## Do Ensino da Filosofia ao Curso Superior

Arthur Versiani Velloso

*Quand j'étais en classe de Philosophie, j'ai trouvé cela tellement embêtant que j'étais convaincu que cela ne valait pas une heure de peine. Cela venait peut-être de l'enseignement tel qu'il était pratiqué à l'époque."*

Jean Paul Sartre in MADELEINE CHAPSAL  
— *Les écrivains en personne*, pág. 209, Julliard  
Ed. 1960.

Já dissemos estar a Filosofia mal colocada no curso secundário, pura superfetação e sobrecarga ali, de vez que os discentes não se encontram preparados em absoluto para interessar-se por matéria tão multívola, impertinente e malcontentadiça, mesmo quando se trata de mera informação preparatória, de insignificantes prolegômenos gerais a ela. Não está melhor colocada no Curso Superior. A não ser, é óbvio, quando se trate de uma das muitas *secções* da Faculdade *Central* ou de preparação de professores, que é, na Universidade, a Faculdade de Filosofia.

Já lembramos, e de acôrdo com países de supertradição cultural e pedagógica, localizar-se muito bem a Filosofia exatamente entre os cursos secundário e superior, quando o discente, usufruindo vagares de vestibulando ao curso Superior (sem os excessos de matérias e as rigidezes escolares), numa direção ou polaridade vocacional já escolhida, disponha de seguros conhecimentos científicos, literários, históricos, religiosos, filológicos e artísticos *básicos*,

para enfrentar os temas da Filosofia. E assim mesmo sob formal depoimento de que a Filosofia — matéria formativa e informativa por excelência — oferecer-se-ia a todos e não se imporia a ninguém.

Ao futuro médico ou engenheiro, advogado ou arquiteto, professor ou veterinário, etc. etc., que se dê algo mais a respeito do sentido da vida e do destino do Homem, a fim de que não passe pela vida sem viver, como uma pedra que rola. Ao mais cru materialismo pragmatista e profissional, aos mais ofensivos tecnicismos, é de mister que se acrescente aquela parcela de espiritualidade a que se referia Bergson em celebríssima preleção, pois *nec solum panem vivit homo*.

Nas Faculdades de Filosofia, escolas de formação de professores e de pesquisadores (exclusivamente), escolas, pelo menos em teoria, de puros estudiosos e não de *simples estudantes* com olhos fitos em diplomas, excelências e vantagens — a menos profissional de todas as escolas! — nas Faculdades de Filosofia, coração e sistema nervoso da Universidade, é que subsistiria então um bem esquecido Curso, um em boa hora esquecido curso, rigorosamente isento de qualquer finalidade prática, no qual durante longos anos se estudassem cronológica e criticamente, sobre suas fontes originais, as grandes aventuras metafísicas. Dizer das condições intelectuais exigíveis para tal estudo parece-nos tolice ociosa. Já com Platão ao tempo de Sócrates, Aristóteles e os Sofistas, os conhecimentos v. g. de ordem filológico-gramatical sobrepassavam de muito e muito a craveira vulgar dos mais adiantados estudos lingüísticos. A importância que o grego emprestava ao uso da linguagem, mesmo antes de Platão e dos Sofistas, que nisto excederam, surgiu com o despertar da *consciência crítica*. E já Heráclito e Parmênides, com Pitágoras, entregam-se a debates e estudos respeito ao que hoje chamaríamos de análise da linguagem e filosofia da linguagem. Mais tarde Demócrito e os Sofistas, e bem depois de Platão e de Aristóteles, Eficuro, atribuem aos estudos lingüísticos uma importância absoluta,

isto é, dão-nos como *conditio sine qua non* das disposições ético-jurídicas dos Sofistas e de suas *polêmicas*, respeito aos problemas político, pedagógico e estético.

Em suma: — no ensino universitário, que se opõe ao caso ao ensino secundário, naturalmente confinado em seus manuais, compêndios, epíomes e traduções, o que primeiro importa é um conhecimento profundo das diversas *formas de linguagem*, das línguas chamadas *veiculares*. Isso em primeiro lugar. Sem grego e latim e latim e grego não há, não pode haver jamais estudo, curso *superior* de Filosofia. Como é ridículo insistir nestas sensaborias! Mas o caso é que conhecemos certo país no qual, para *michado* cursinho de três anos (*c'est tardant!* exclamava-nos mestre europeu), não se consignam, nos exames vestibulares à Filosofia, noções sequer de grego e de latim. É uma coisa assim como se pretendêssemos estudar matemática superior sem passar pela aritmética, pela álgebra, pela geometria e trigonometria elementares, no caso absolutamente indispensáveis. Depois das línguas chamadas veiculares, grego e latim, e a estas sem exagêro acrescentaríamos o alemão, viria, é óbvio!, no vestibulo de um curso Superior ou Universitário de Filosofia e como cláusula impreterível de um aprendizado *maior*, o seguro conhecimento do já referido idioma alemão, e dos idiomas francês, inglês, italiano e espanhol. Pois como se tornariam possíveis de outro modo os seminários, a leitura e o comentário dos textos clássicos e não clássicos — o abeberar-se das fontes, a *over-learning* e a pesquisa? Ocioso dizer que ao estudo dos tais idiomas acompanharia uma frequência incansável das respectivas literaturas! Impossível o seguro conhecimento de um certo idioma qualquer sem o conhecimento da respectiva literatura. Impossível o conhecimento da Filosofia sem uma larga base literária, clássica e moderna.

Escreveu ilustre mestre lusitano que a educação na Antiga Grécia era muito mais viva e humana do que nos

nossos dias porque entre os Gregos se sabia falar e escrever (1). Antes de filósofo seja, pois, o estudioso *logógrafo*. Importa todavia muito mais hoje, em curso *superior* de Filosofia, que o estudioso seja antes um cientista, vale dizer homem de ciência, sábio nas matemáticas como na física, na química e na biologia. Pois são as ciências exatas e positivas que suscitam hoje, quiçá mais agudamente que as letras e as ciências ditas culturais, os grandes problemas metafísicos e eternos.

Todavia não são para esquecidos aqueles arquétipos que em Filosofia reuniram à facúndia uma excepcional vivacidade verbal, numa linguagem saníssima e repleta de imagens, de metáforas, de tropos e alegorias que se tornaram sempiternos, como que patrimônio comum de toda a humanidade intelectual, e que naquele estilo lapidar ao mesmo tempo que felicíssimo, chamaram a atenção dos homens para o que mais importa. Foram eles entre outros Platão, Santo Agostinho, Abelardo, João de Salisbury, Giordano Bruno, Johann Gottfried von Herder, o próprio Kant, que falando *more magistro* era extraordinário, Abel François Villemain — Ravaisson, Boutroux, Lagneau, Alain, Bergson, William James, Ortega y Gasset, Unamuno, Bertrand Russell e Leonardo Coimbra.

Respeito ao ensino da Filosofia no curso Superior, até a Sagrada Congregação de Seminários e Universidades teve a palavra para criticá-lo em setembro de 1958, acusando-o de não mais corresponder às exigências dos tempos atuais, em Carta Circular dirigida a suas Excelências, os Bispos italianos, e mais aos Superiores de Congregações Religiosas dedicadas à educação e federadas à autoridade eclesiástica. "Um exame cuidadoso demonstra que o atual ensino da Filosofia, baseado quase por completo em métodos históricos, já não alcança seus fins, submetendo o estudante a inúmeras inquietações", diz o documento, que desapro-

(1) Santanna Dionísio — A Filosofia como objeto de Pedagogia, p. 93.

va inicialmente os processos usados nos colégios para atacar depois com veemência a falta de bases prévias nos candidatos a tão altos estudos, o que simplesmente determina completa desorientação, levando-os ao relativismo e ceticismo envenenadores.

Sem largas bases prévias, sob a férula de atrasados métodos de ensino e de estudo, confinado a angusto território do saber, mas sofrendo o brutal impacto que é a realidade contemporânea, o estudante ou perde toda confiança na Razão humana para alcançar a Verdade, ou aceita cegamente os pontos-de-vista de seu professorado, fugindo omissamente a qualquer reação crítica e aceitando servilmente qualquer ponto-de-vista oferecido.

Nem se fale aqui da perigosíssima ausência de convicção e da superficialidade com que são abordados os angustiosos problemas da hora presente. O resultado é o desinteresse pelos estudos filosóficos, um desânimo intelectual que raia pelo desespero e freqüentemente a perda da Fé. O remédio seriam novos métodos de aprendizagem e ensinância, mais consentâneos com o momento histórico que a humanidade atravessa, e leituras, boas e continuadas, e honestas leituras, de autores cristãos e pagãos, bem dirigidas e orientadas por quem de direito, além de numerosas atividades complementares de molde a tornar os estudos filosóficos àquela antiga respeitabilidade. (2)

(2) Of. v.g. O Diário (Católico) de Belo Horizonte de 5 de setembro de 1958.

## Educação e Instrução no Ensino do Português

Melânia Silva

### I — Conceitos de Educação, Instrução e Ensino — Relações entre êsses termos

Entre os vários conceitos encontrados, parece-nos que o emitido por Ruy Ayres Bello, sobre educação, em sua "Filosofia Pedagógica", determina melhor o termo estudado. Inicialmente, observa, a educação pode ser tomada em sentido lato e estrito.

No primeiro: é a influência espiritual exercida pela sociedade sobre os indivíduos que a compõem.

No segundo: é a influência intencional, direta e sistemática do homem adulto sobre a criança, com o fim de promover a plena realização de sua humanidade.

Certamente, êsses dois conceitos não se negam, mas se completam, porque nessa influência intencional entram aquêles elementos espirituais que a sociedade nos lega, como a língua, os costumes, as tradições, as normas de conduta, a moda etc.

Luzuriaga aproxima-se de Bello: "La educación es, por lo pronto, un hacer, una actividad que tiene por fin formar, dirigir o desarrollar la vida humana para que ésta llegue a su plenitud."

A instrução, diz-nos Mário G. Viana, é a transmissão sistemática de conhecimentos e de informações científicas,

técnicas, cívicas, profissionais etc. (in-struere = construir, pôr, dispor) com o objetivo de ministrar saber ou cultura.

É o mesmo autor que nos conceitua o termo *ensino*: "é uma tarefa de transmissão de conhecimentos sobre determinada matéria, com o objetivo de reunir um conjunto de noções e conceitos acêrca de determinado assunto, e de constituir, ao mesmo tempo, um meio para a realização do desenvolvimento do individual (in-signare = assinalar, mostrar, indicar)."

Como vemos, há diferenças entre êsses termos. A educação é mais abrangente que a instrução. Ela é responsável pela formação integral do indivíduo; a ela cabe transmitir conhecimentos, desenvolver as faculdades cognitivas, aperfeiçoar a inteligência através do estudo metódico, onde entrarão em jôgo não só a memória, mas principalmente a elaboração do conhecimento, a conceituação, o juízo e o raciocínio.

Já *instrução* tem sentido bem mais limitado. Ela se limita à educação intelectual.

No ensino devem entrar os dois elementos — instrução e educação, porque ao lado da transmissão de conhecimentos sobre determinado assunto pelo professor e da participação dos alunos, deve haver simultaneamente e de maneira natural uma orientação artística, moral, técnica, social, de modo que a matéria estudada contribua para um conjunto de idéias e conceitos que acompanharão o estudante pela vida afora.

### II — A Língua — Molde do pensamento — Veículo de cultura

A capacidade de expressar o pensamento por meio de um sistema de sinais (escritos ou falados) é própria do homem. Mas ao mesmo tempo que a língua expressa o pensamento, ela é também elemento para sua elaboração. Isto porque a linguagem é o molde no qual se forma nosso

pensamento. "Perhaps even more important for human kind is the fact that language is not only a tool for communication; it is a tool for thinking." (v. Cunningham) Ora, se assim é, será aprendendo a língua que se aprenderá a pensar com clareza, porque "absolutamente falando, podemos pensar sem sinais; na realidade não o podemos fazer senão difícil e imperfeitamente; de fato, porém, quase nunca pensamos sem auxílio de palavras" (v. Charles Lahr).

A língua precisa o pensamento, obriga-o à análise, torna mais claras as idéias e facilita o trabalho mental! Ao mesmo tempo, por ser intimamente ligada à psicologia de quem a fala, ela traz consigo uma carga espiritual que terá influência no pensamento, servindo-lhe de molde: "... quanto mais nobre e delicado for êsse molde, tanto mais nobre e delicadamente pensaremos" (Charles Lahr). Ora, então a língua não é somente fator intelectual, mas também moral. Influenciando o pensamento, influenciará muitas vezes os atos.

Somente o ser humano, ao nascer, recebe a herança cultural, legada pela sociedade. A língua é o principal veículo desta cultura. Através dela toma-se conhecimento de movimentos científicos, filosóficos e artísticos. Ao mesmo tempo o indivíduo poderá se servir d'êste instrumento para transmitir, também êle, elementos de cultura (considerando-se cultura como movimento espiritual, força criadora, dinâmica por excelência). "Let this vital process of transmission and absorption be interrupted for half a century, and civilization would end; our grandchildren would be more primitive than savages" (Cunningham).

### III — O português — Finalidades — Condições primeiras — A análise da língua — A análise literária — O português e outras disciplinas

Sendo o português nossa língua e portanto nosso mais importante meio de expressão, certamente deverá ser considerado de modo especial o seu ensino. Ensino, como vimos

pelo conceito dado em outra oportunidade, reúne não somente elementos de instrução como também de educação. O ensino do português deve então visar a finalidades várias. Deverá o professor compenetrar-se de sua responsabilidade na formação intelectual, artística, social, moral do educando, orientando-o e procurando desenvolver nêle aquelas habilidades e idéias inerentes a cada indivíduo no sentido de que êle se realize plenamente. Para tanto, a expressão e a compreensão da língua deverão impor-se basicamente.

Assim, os recursos primeiros, no ensino do português, para se chegar àquelas finalidades, são falar e escrever (expressão), ler e ouvir (compreensão); é primeiramente disto de que necessitamos. Deve o educador assegurar-se desta verdade intensificando os exercícios práticos, principalmente em classes que se estão iniciando no estudo da língua, levando os alunos a falar e redigir com desembaraço e correção, a ler e ouvir com inteligência — "... le langage est exercice pratique avant d'être objet d'étude; il appartient plutôt au domaine de l'action plutôt qu'à celui de la connaissance" (v. Cousinet). Para chegar a isto deve o professor usar métodos próprios, procurando motivar os alunos (no sentido de despertar motivações), induzi-los ao raciocínio, fazer-se acessível, dar à matéria um sentido de realidade, levar os alunos a participar ativamente na aprendizagem.

Defensor do largo cultivo da expressão oral, por ser êsse o meio de comunicação mais usado na vida quotidiana, Cousinet aponta os males que poderiam advir da exigência ao aluno por parte do professor de uma língua por demais artificial e livresca, sem sentido e, portanto, longe da realidade que se deve ter em vista. Tanto mais se conseguirá cultivar a expressão oral quanto mais do interesse do aluno forem os temas propostos.

Na redação devem ser observados outros tantos aspectos. O tema, por exemplo, deve ser escolhido com cuidado, criando-se antes no aluno o clima afetivo necessá-

rio à criação. Também a imaginação deve ser cultivada ao lado do estilo, da gramática, da ordenação do tema. A elaboração coletiva de redações, pelo menos nos primeiros tempos, é extremamente útil para orientar o aluno quanto àquele último aspecto.

A leitura deve, o mais possível, associar-se ao real, às experiências dos alunos, do contrário será desinteressante e infrutífera. "La lecture abondante, variée, tantôt rapide, tantôt pleinement fouillée, expliquée, est, elle aussi, un moyen de découverte de l'humain et d'enrichissement de la pensée comme du vocabulaire" (Cousinet). Mas uma análise por demais longa e minuciosa do texto seria prejudicial; isto saturaria o espírito dos alunos e lhes desviaria o interesse fundamental.

A boa audição pressupõe, de modo geral, os elementos acima citados. A língua, cultivada em todos os sentidos, desenvolve ela própria a capacidade da compreensão.

Certamente haverá outros meios no ensino da língua para se chegar às finalidades expostas e muitas vezes são de enorme valor, considerados em si mesmos ou em função de determinado fim, mas que não são primordiais.

A análise da língua, que tanto vai contribuir para as quatro primeiras condições (ler, escrever, falar, ouvir), não deve ser feita exaustivamente em classes onde os alunos não se encontram em idade mental suficientemente desenvolvida para fazerem estudos abstratos e teóricos. É bom que se reflita sobre a língua, mas quando se estiver apto para isto. Através da indução é que se levará o aluno a, refletindo sobre o próprio idioma, chegar às regras gerais.

Também não se deverá exigir nas primeiras séries a análise literária. Somente deverá o professor despertar o aluno, se ele não puder notar por ele mesmo, para uma bela passagem encontrada, para uma expressão artisticamente empregada, levando-o, se fôr o caso, sobretudo a sentir a sua beleza. A expressão desse sentimento só mais tarde deve ser feita.

Os grêmios estudantis, as discussões dirigidas, as declamações, a leitura, dialogada ou não, as exposições orais, os trabalhos coletivos contribuem enormemente para a socialização do aluno. Através dessas atividades aprende a falar com desembaraço e naturalidade a um auditório, a dominar o pensamento, a expô-lo com clareza, a pronunciar bem as palavras, a manejar corretamente a língua.

Certamente a formação moral virá conjuntamente a esses elementos, de maneira natural, espontânea, mas nunca displicente ou eventual. Certas frases edificantes, dadas em exercícios, movem enormemente os alunos e freqüentemente passam a integrar suas vidas como norte de suas ações. Elas podem ser dadas em exercícios, em exemplos, em comentários, em temas de redação, tendo-se o cuidado de não ir ao exagêro.

Do mesmo modo que serve a outros ramos do conhecimento, como veículo de sua expressão, a instrução do português deve também ser cuidadosamente observada pelos professores de outras matérias. Assim, a ortografia, a caligrafia, a pontuação, o uso de parágrafos, o emprêgo adequado dos termos, devem também ser observados nas outras disciplinas. O aluno aprenderá a ver na sua língua não uma matéria isolada, teórica e sem função, mas o seu mais precioso instrumento de comunicação em todos os momentos, dentro de sua comunidade.

#### IV — Conclusão

O ensino do português não vem, na maioria das vezes, sendo feito com aqueles objetivos que devem nortear o educador. É preciso que se atente bem nesses objetivos a fim de que o ensino possa ser tomado em sua verdadeira acepção e não se transforme em simples transmissão de conhecimentos sobre determinada matéria, no caso agora estudado, o português, disciplina teórica e abstrata, isolada por completo dos outros elementos que conjuntamente vão constituir o homem em sua integridade.

## BIBLIOGRAFIA

- 1 — BELLO, RUY AYRES — "Filosofia Pedagógica" — segunda edição — edit. Globo — Rio de Janeiro — 1954;
- 2 — COUSINET, ROGER — "Leçons de Pédagogie" — Cap. III — "L'enseignement du français" — Roger Gal — Presses universitaires de France — Paris — 1950;
- 3 — CUNNINGHAM, WILLIAM F. — "The pivotal problems of education" — nona edição — New York — 1953;
- 4 — LAHR, CHARLES — "Manual de Filosofia" — sexta edição — Livr. Apostolado da Imprensa — Pôrto — 1952;
- 5 — LUZURIAGA, LORENZO — "Diccionario de Pedagogia" — editorial Losada, S. A. — B. Aires — 1960;
- 6 — VIANA, GONÇALVES MARIO — "Pedagogia Geral" — 3.ª ed. — Livraria Figueirinhas — Pôrto — 1955.

## Educação e Estudos Sociais

*Dulce Silveira de Castro*

Hoje, que estamos participando de mudanças substanciais na estrutura social e econômico-política brasileira, hoje, que Brasília foi movimento que marcou nova época na fisionomia geográfico-histórica de nosso País, e que vimos tomando consciência de nosso valor na opinião universal, nada mais oportuno que trazer os estudos sociais à consideração dos educadores, como sendo a fonte de maior subsídio de conceitos que, adquiridos, influem na formação de um cidadão educado, isto é, responsável pela sua significação na vida da comunidade.

A coletividade nacional vem tomando posição no patrimônio cultural do mundo civilizado; os brasileiros, estreitando os laços de compreensão e simpatia com os diversos povos, a fim de que as relações humanas possam resultar no processamento do bem comum, através de um sadio espírito de interdependência.

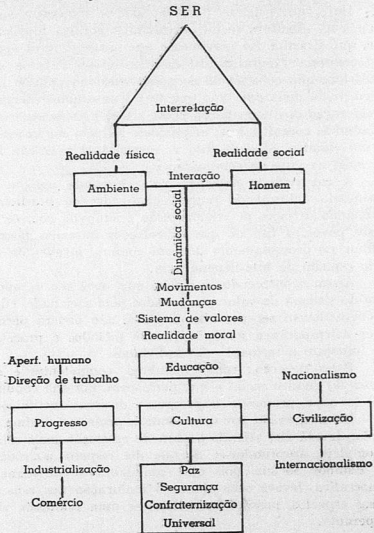
Assim acontecendo, a escola, que deve ser o repositório do sistema de valores aprovados pela sociedade, cujos objetivos devem ser por ela atingidos, não poderá permanecer extemporânea na aplicação de métodos e processos que impeçam a formação dos indivíduos.

Estes deverão, como membros competentes e eficientes do quadro social a que pertencem, por sua conduta, projetar-se e promover o progresso de suas instituições.

Eis aí a razão por que, sendo o professor a alma da escola, deverá êle, visando a obra de educação mais sólida e completa, aprofundando-se no que diz respeito ao sentido dos Estudos Sociais, pois que, conduzindo-se de maneira democrática, levará seus alunos à maturação nos seus diversos aspectos, possibilitando-lhes ser uma realidade viva e operante.

O plano de ação educativa — em organograma abaixo delineado — visa a globalizar os conceitos e realidades principais que devem reger a finalidade última dos Estudos Sociais e a qual nossos alunos, futuros cidadãos, deverão atingir.

#### PLANO DE AÇÃO EDUCATIVA EM ESTUDOS SOCIAIS



### O Enriquecimento do Vocabulário da Criança

Maria Yvonne Atalécio de Araújo

Linguagem e pensamento têm íntima interdependência. A linguagem é parte vital do pensamento, porque é constituída de símbolos e sinais — as palavras — que representam idéias e conceitos.

Uma das características da evolução lingüística é o crescimento do vocabulário, quer na quantidade quer na qualidade.

#### *Importância das vivências no desenvolvimento do vocabulário*

Diz Conrad Seegers (2) que estudos feitos sobre o crescimento da linguagem, sobre a psicologia infantil e pesquisas antropológicas têm provado que, na criança, o principal fator do desenvolvimento do vocabulário são as vivências. É manifesto que as primeiras fontes da linguagem se prendem às experiências concretas e que concretas devem ser as bases da compreensão.

Estas experiências são provenientes do lar, da escola, da comunidade onde a criança vive. Essencial, portanto, para o desenvolvimento do vocabulário é a expansão, a riqueza de experiências reais. Sem elas, as palavras são destituídas de bases, degenerando em verbalismo, apenas.

Idéias que não se originam de experiências são por demais abstratas para uma criança. Quando, ao contrário,



a idéia é clara, a palavra é aprendida e facilmente se integra ao vocabulário, numa forma normal de aprendizagem.

#### *Situações que desenvolvem o vocabulário*

Há, na escola, inúmeras oportunidades para o enriquecimento do vocabulário. Aliás, esse é um dos principais objetivos de um bom programa de linguagem. O vocabulário é básico para a expressão de idéias, para a comunicação. Palavras e conceitos alicerçam a vida em sociedade, porque o mundo em que vivemos depende, em alta escala, dos símbolos verbais.

Por esse motivo, deverá a escola estabelecer clima propício ao amplo desenvolvimento do vocabulário e os meios para realizar esse desiderato se encontram:

- 1 — Nas diferentes matérias do currículo.
- 2 — No livro básico e na literatura infantil.
- 3 — Nas experiências de linguagem oral, propriamente.
- 4 — No estudo metódico do vocabulário, através de exercícios sistematizados.

#### *As matérias do currículo e o vocabulário*

As diferentes matérias do currículo fornecem um grande contingente de palavras novas. Com novas vivências, meios visuais, discussões e leituras, as crianças vão ganhando novos conceitos e novos vocábulos.

#### *Vivências ou observações diretas*

A observação direta das cousas e pessoas em excursões, viagens, entrevistas, são fontes de ricas e variadas percepções. "E idéias e sentimentos oriundos da percepção evoluem de uma forma nebulosa para uma exata definição,

no processo de encontrar palavras para expressá-los", diz Tydiman. (5) Experiências concretas do mar, de uma plantação de café, da neve, enfim, de qualquer assunto, formam imagens e idéias claras que são a origem de novos termos e novos conceitos.

Depois de uma excursão à praia, necessariamente há de melhorar o conhecimento sobre ondas, vagalhões, marés, maresia, praia, litoral, navios, barcaças, veleiros, termos estes todos associados à vida marítima.

Da mesma forma, após uma visita à caixa d'água, as crianças mais facilmente se referirão à cloragem, filtragem, nascente etc.

Observações feitas em classe também dão margem ao crescimento do vocabulário. Numa unidade de trabalho sobre aves, a professora pode levar as crianças à observação direta de pássaros. Eis um estudo de palavras, decorrente dessa observação:

Um passarinho

Que faz	Como é	Tem	Relativo aos pássaros
empoleira	macio	plumagem	passarada
canta	delicado	penugem	passarolo
gorjeia	bonito	bico	passarinhar
pipila	colorido	asas	passarinheiro
bica	brilhante	patas	
saltita	ágil		
voa	irrequieto		
	gracioso		
	implume		

Uma flor, uma árvore, um inseto, ou qualquer estudo de Ciências ou das demais disciplinas, dão margem à aquisição de múltiplos vocábulos, como no exemplo abaixo: (3)

Quando falamos sobre eletricidade, usamos estas palavras:

Elétrons — Prótons e neutros — Isolantes —  
Magnéticos — Pólos — Fusível — Luz

A confecção do material de Ciências, de Estudos Sociais, Aritmética, para unidades de trabalho e outras atividades, tudo implica em desenvolvimento do vocabulário, quando esse vocabulário traduz idéias que são ganhas e conceitos que se formam.

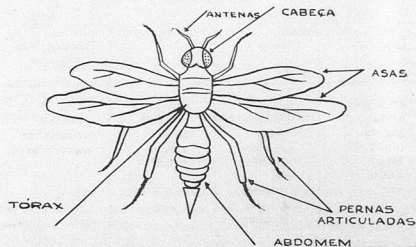
#### Modelos e gravuras

A falta de vivências, os modelos e gravuras constituem elementos valiosos para o crescimento do vocabulário.

Desenhos como este, abaixo, ilustrando um texto, feito no quadro-negro ou em cartazes, são excelentes para a apresentação de novos vocábulos:

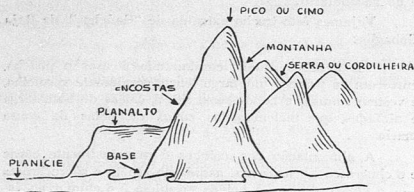
#### 1. Ciências.

Exemplo:



#### 2. Estudos Sociais.

Exemplo:



Coleções de gravuras sobre pássaros, plantas e outros animais enriquecem experiências. Ilustrações de livros, sobretudo ilustrações coloridas, esclarecem e completam estudos feitos em torno de qualquer assunto. Insetos, aves, peixes, particularidades do comportamento desses animais, as cores brilhantes de um crepúsculo, os matizes suaves das flores, os contrastes de sol e chuva, planícies e montanhas, terra e mar, tudo pode ser facilmente estudado e fixado através de gravura e fotografias bem tiradas.

"O professor e as crianças devem, continuamente, procurar e colecionar gravuras relacionadas com as unidades de trabalho, tais como: de animais, peixes, ar, água, plantas, eletricidade, máquinas, tempo, insetos, jogos etc.

Essas gravuras devem ser agrupadas em envelopes grandes, feitos de papel manilha, ou em pastas, e usadas em época oportuna para ilustração da unidade. Gravuras são indispensáveis para ajudar a criança na compreensão do sentido das palavras, em Ciências." (5)

#### Experiências indiretas, através do livro de leitura e da literatura

Também as leituras alargam o vocabulário. Não devem, entretanto, nem podem, substituir ou preceder as

vivências. À medida que a criança cresce, os livros se tornam valiosos como fontes de enriquecimento de experiências e do vocabulário.

Vejamos este trecho extraído de "Gaúchos", de Raja Gabaglia:

"Os gaúchos atuais, continuando a usar o poncho, enroscam ao pescoço um largo lenço, geralmente vermelho, e vestem camisas e bombachas, isto é, calças de bôca larga e afofadas, que metem pelos canos de botas de couro macio.

A alimentação dos gaúchos é principalmente carne e o churrasco — carne mal assada ao espêto e sôbre brasas — é a iguaria típica. A bebida predileta é o chimarrão, infusão de erva-mate, sem açúcar.

E, no Brasil, o termo "Gaúcho" tomou um novo e amplo sentido, significando o natural ou o habitante do Estado do Rio Grande do Sul."

Através do colorido da descrição, as imagens se formam e novos termos são incorporados ao vocabulário da criança.

Nos momentos livres, em casa, na biblioteca, as crianças são incentivadas na busca de palavras novas, bonitas, descritivas. Estas palavras, levadas à classe, e escritas no quadro, merecerão o estudo e comentário da professora e alunos.

Trechos bonitos são também lidos e analisados, para que se desenvolvam o sentido de apreciação e o gosto pela beleza das formas.

Este trecho, "Pôr do Sol", de Eça de Queiroz, pinta fielmente uma paisagem e desperta prazer estético:

"A tarde descia, calma, radiosa, sem um estremecer de folhagem...

Nenhum contorno se movia, como na imobilidade de um êxtase. E as casas, voltadas para o poente, com uma ou outra janela acesa em brasa, os cimos redondos das ár-

vores apinhadas, descendo a serra numa espessa debanda para o vale, tudo parecia ficar de repente parado, num recolhimento melancólico e grave, olhando a partida do sol que mergulhava lentamente no mar."

Para que as palavras ganhas em qualquer fonte — e a literatura é uma fonte valiosa — se integrem ao vocabulário da criança, deve haver oportunidade de uso, quer na linguagem oral, quer na linguagem escrita.

#### *Experiências de Linguagem Oral*

E, sobretudo, nas atividades de linguagem oral que o vocabulário se desenvolve, adquirindo precisão, clareza, expressão.

Atividades variadas podem surgir, na classe, incentivando o estudo das palavras:

- 1 — Conversas. (Aclarar conceitos, em discussões informais).
- 2 — Preparação e comentário de excursões.
- 3 — Uso de filmes, discos e outros meios áudio-visuais.
- 4 — Dramatizações de palavras.
- 5 — Registro de palavras novas.

Este é, pois, um aspecto positivo do ensino da linguagem, o estudo funcional do vocabulário, porque, como diz Pooley: "A ausência de erros não constitui, precisamente, boa linguagem. A linguagem é realmente boa quando a criança desenvolve o senso da propriedade de termos, da palavra exata para um momento exato. A propriedade do vocabulário deve merecer mais atenção do que realmente vem merecendo".

Nos reatários, nas discussões, em dramatizações, enfim, em quaisquer atividades, as palavras devem ser empregadas com precisão e descortínio. Num poema, as

palavras são mais descritivas e coloridas. Em exposições, em relatórios, a concisão, a exatidão de termos são qualidades essenciais. Já as conversas, a mera troca de idéias, pedem um vocabulário mais informal, porém sem gírias, ou vícios de linguagem.

A criança não está apta para dizer se está entendendo ou não determinadas palavras. A professora, sim, está em condições de medir-lhe a compreensão, pela observação e pelas atividades adequadas.

#### *Treino sistematizado do vocabulário*

As experiências realmente aumentam o vocabulário, mas há necessidade de sistematização do ensino para se assegurar o domínio das palavras. São necessários exercícios especiais, variados, que levam a classe a um estudo cuidadoso e ininterrupto. O que se condena é o artificialismo de certos livros que prescrevem exercícios sem finalidade e sem valor.

Os exercícios sistematizados — embora não devam e nem possam substituir a linguagem em suas formas normais e usuais — vêm como um suplemento. Aclaram idéias, precisam e enriquecem o sentido dos termos, trazendo-lhes acepções novas até então desconhecidas.

A semântica na escola, por exemplo, é um aspecto do ensino do vocabulário.

"Semântica — o dicionário o registra — é o estudo das mudanças que, no espaço e no tempo, experimenta a significação das palavras, consideradas como sinais das idéias". A semântica veio para a escola quando se descobriu que, no emprêgo dos termos, muitas significações dadas pelos livros não eram as conhecidas pelas crianças. Os diferentes sentidos de uma só palavra são tão numerosos que elas se sentem perdidas, quer na comunicação escrita, quer na oral.

O emprêgo da palavra "campo" há de, naturalmente, confundir muita criança — e até adultos — dadas as múl-

tiplas acepções que o dicionário registra. Vejamos alguns casos, entre inúmeros:

- Os vastos campos de trigo, na Europa;
- Os campos de engorda, no sul;
- A sala não tem campo para tamanho auditório;
- O campo de visão é pequeno;
- Queimar campo;
- Sair a campo etc...

A professora também há de organizar exercícios sistematizados que promovam o enriquecimento do vocabulário. Vários dêles podem surgir dos próprios trabalhos da classe, como estes:

1 — Estudar outras acepções de uma palavra encontrada no livro de leitura, procurando-as no dicionário.

2 — Fazer listas de palavras para um fim especial, como:

- a) descrever uma fada;
- b) inventar um poema sobre a chuva;
- c) exprimir alegria, tristeza, dor etc.

3 — Formar femininos de certos nomes;

4 — Formar plurais e induzir a regra;

5 — Descobrir alguns coletivos necessários;

6 — Estudar sinônimos e antônimos;

7 — Estudar prefixos e sufixos.

a) Sublinhar os prefixos das palavras abaixo e escrever, ao lado, sua significação.

conduzir	obstruir
impôr	recuar

b) Escrever as palavras certas nos espaços em branco, empregando os prefixos *re* ou *in*.

- 1 — "Pedro sentiu-se ..... com as notas que teve."
- 2 — "Luís teve uma ..... porque tomou muita chuva."
- 3 — "Os ..... daquele homem o perseguiram por longo tempo."
- 4 — "Os meninos ..... com expressão, a poesia."  
(feliz — amigos — cair — citar)

c) Formar palavras com o sufixo "oso" e escrever, ao lado, o que significam.

.....  
.....

d) Riscar os sufixos das palavras abaixo, escrevendo, ao lado, o que significam.

pedraria ..... florzinha .....  
casarão ..... português .....  
barcaça ..... matadouro .....

8 — Completar orações com palavras apropriadas, de acôrdo com o sentido do texto.

9 — Emparelhar palavras com as respectivas definições.

- |               |  |
|---------------|--|
| a) Herança    | ( ) agulha magnética   |
| b) Cicerone   | ( ) bens deixados pelos pais   |
| c) Bússola    | ( ) livro escrito à mão  |
| d) Manuscrito | ( ) guia que mostra aos estrangeiros, cousas e lugares interessantes de uma cidade |
| .....         | ( ) representante de um go-<br>verno junto a outro.                                |

10 — Dar exercícios de significação de palavras; achar palavras das quais se dá a definição.

Exemplo:

- (a) Matéria derretida que corre dos vulcões: ....
- (b) Focinho alongado do elefante: .....
- (c) Tropa de viajantes que atravessam desertos: .....
- (d) Lugar baixo e fresco onde se guardam vinhos: .....

11 — Organizar listas de palavras cognatas.  
Exemplo:

Terra	Pedra	Ferro
terreno	pedreira	ferrão
terreiro	pedregulho	ferreiro
térreo	pedraria	ferradura

12 — Organizar atividades de dicionário.

13 — Levar os alunos a definirem cousas simples.

"A professora, diz Applegate, não pode comunicar às crianças o gosto pelas palavras, sem que ela própria o tenha. Pode, porém, adquiri-lo ao mesmo tempo que as crianças." (1)

Em classe, discute-se o vocabulário. Usam-se termos, organizam-se orações. Todas as atividades de linguagem são, necessariamente, treino de palavras. A professora há de sugerir a palavra exata, quando a criança hesita. Há de aplaudir as descobertas felizes. Há de avaliar, com os próprios alunos, as deficiências e os progressos que eles apresentam.

A linguagem, como diz Dr. Strickland, (4) tem suas vestes de gala, para os momentos solenes, e seus trajes mais simples para ocasiões comuns. "São estes hábitos de estudo, esta apreciação do belo, que durarão por toda a vida, até a idade adulta, proporcionando ao indivíduo mais facilidade de expressão, maior poder criador." (5)

## BIBLIOGRAFIA

- 1 — APPLGATE, MAUREE — Helping Children to Write — International Textbook Co., Scranton, Pa., 1949
- 2 — MC CARTHY, COROTHEA A. — Language Development in Children Manual of Child Psychology — Leonard Carmichael — John Wiley
- 3 — PABAE — "Desenvolvimento do vocabulário em Ciências e Estudos Sociais". Material preparado por algumas bolsistas do Capen. — Belo Horizonte, 1960
- 4 — STRICKLAND, RUTH G. — The Language Arts in the Elementary School — D.C. Heath and Company — N. Y., 1957
- 5 — TIDYMAN AND BUTTERFIELD — Teaching the Language Arts.

## Como Dar a Noção Exata do Que Seja Fração

HELENA JORGE

## SEGUNDO ANO

Ao invés de obrigar as crianças a decorar definições abstratas, sem significação alguma para elas, oferecer oportunidades para que os alunos concluem que *Fração é Peçaço*. Como proceder?

A professora levará para a classe seu conjunto de fichas.

Tomará, *inicialmente*, a ficha de inteiro sem divisão. Dirá que se trata de um doce *inteiro*, feito para o jantar de aniversário de um colega.

Em seguida, usará a ficha de inteiro com indicação para ser dividida em *duas partes iguais*, *duas metades* e recortará, à vista de todos, perguntando, ao mesmo tempo, aos alunos, se o doce continua inteiro. Dirá, então, que cada parte ou pedaço chama-se *fração*.

Tomando, em seguida, cada metade, perguntará: "Isto é *inteiro ou fração?*" "*Como se chamará este pedaço ou fração?*"

As respostas serão variadas. *Pedaço, Metade, Fração*, serão as mais comuns.

Continuando, a professora tomará a ficha de inteiro para ser dividida em *terços*. Mostrará, antes de recortar.

"*Olhem bem para este bôlo. Está inteiro ou é fração?*" "*Vamos dividi-lo em três iguais.*"

Recorta a ficha à vista de todos.

"*Está inteiro ou é fração?*" perguntará mostrando uma parte (1/3).

Toma o 2.º têrço e indagará: *Está inteiro ou é fração?* "*Se juntarmos os três pedaços que formaremos?*"

Voltará à ficha de meios e interrogará: "*Se juntarmos as duas metades que teremos?*"

Separará novamente as duas metades e perguntará:

"*Cada parte é inteiro ou é fração?*"

Tomará, de nôvo, a terça parte e indagará: *É inteiro ou fração?*"

Mostrará, mais uma vez, a ficha que representa a metade e perguntará: "*Quantas metades necessito para que o doce fique inteiro?*"

Tomará a terça parte, mostrará aos alunos perguntando:

"*Quantas frações destas precisarei para formar o inteiro?*"

Mostrará dois têrços juntos (duas partes) e indagará: "*É inteiro ou fração?*"

As crianças, depois do que presenciaram, responderão, sem nenhum esforço, que fração é *Parte, Pedaço, Porção*.

NOTA: Caso a professora julgue necessário, poderá repetir os exemplos e continuar as explicações dividindo as fichas de quartos, quintos e usando outras figuras como quadrados, linhas etc.

O que é importante é que o aluno saiba que fração é pedaço e que essa noção fique firme.

A noção de fração, como foi apresentada, poderá ser dada aos alunos de *primeiro Ano Forte*.

## SUGESTOES E PROBLEMAS, DE ACORDO COM O PROGRAMA OFICIAL

### 2.º ANO

#### ENSINO DE MEIO OU METADE

O ensino de frações ordinárias, no 2.º ano, pode ser feito com as fichas-material da professora. É importante que a mestra use outro tipo de material como bolos, frutas, queijos, rapaduras etc. Poderá, também, fazer desenhos variados no quadro, do conhecimento da criança, e que devem ser mostrados à medida que fôr dando as explicações.

A professora deverá intensificar os trabalhos a fim de fixar as noções aprendidas no 1.º ano, bem como ampliar os conhecimentos através de situações reais, da vida da criança.

As fichas circulares — material da professora e do aluno — que ora apresento, oferecem excelentes oportunidades aos alunos para a aprendizagem de noções essenciais ao domínio do estudo de frações.

O início poderá ser feito com a apresentação de um bôlo para comemorar o aniversário de algum aluno.

Depois de apagadas as velinhas, a professora tomará o bôlo, à vista de todos, e o dividirá em duas partes. Uma será entregue às meninas. A outra metade ficará para os meninos.

Inicialmente, não fará comentários com detalhes. Poderá perguntar apenas: "*Quantas metades tinha o bôlo antes de partido?*" "*Se tirássemos apenas uma metade, que pedaço sobriaria?*" "*Se juntássemos as duas metades o que formaríamos?*"

Poderá, também, dividir outros docinhos ou biscoitos, em duas partes, fazendo de cada um duas metades.

As crianças ficarão familiarizadas com a imagem e com a expressão "*metade*" que lhes é conhecida desde o 1.º ano.

"Quem poderá dizer qual é o outro nome que tem este pedaço?", perguntará a professora mostrando a metade do bôlo. "Quem será capaz de adivinhar?"

Caso os alunos não se lembrem da expressão *meio* aprendida no 1.º ano, a professora poderá pronunciá-la com ênfase, repetindo as palavras *metade* ou *meio*.

A professora apresentará a ficha de inteiro. "É o bôlo inteiro". Tomará, em seguida a ficha de inteiro para ser dividida em duas partes ou duas metades.

"Agora vamos dividir o bôlo em duas partes". Corta a ficha em duas partes iguais, à vista de todos. Separando um pedaço do outro, perguntará: "Que fração ou pedaço tenho na mão direita?"

"Vamos juntá-las. Que formaremos? Se tirarmos uma parte, como se chama a fração que vai sobrar?"

**ATENÇÃO:** Tôdas as respostas devem ser aprovadas com as fichas, à vista de todos, recortando o inteiro em partes ou unindo as partes, conforme fôr o caso.

Depois de verificado que os alunos assimilaram bem as explicações, dar os seguintes exercícios:

- 1) Quantas metades tem o bôlo inteiro

Resposta . . . . .

- 2) Façam o desenho de um bôlo circular ou redondo.  
3) Dividam o bôlo em duas partes iguais ou duas metades.

- 4) Pintem uma metade de *amarelo* e a outra de *marrom*.

A metade marrom é de chocolate.

#### PROBLEMA

- 1) A metade do bôlo custa Cr\$ 50,00. Ponham aí, adiante da letra R o preço do bôlo inteiro.

- 2) Se o bôlo custasse Cr\$ 80,00 a metade custaria . . . . .

- 3) Maria ganhou Cr\$ 18,00 de seu padrinho. Gastou a metade. Ficou com . . . . .

- 4) Joãozinho tem 10 galinhas. Pedrinho tem a metade mais 2. Faça uma cruz sôbre o número que indica quantas galinhas tem Pedrinho.

9 — 7 — 6 — 11 — 12 — 4 — 8

- 5) Marcos ganhou uma dúzia de laranjas. Lúcia ganhou a metade. Os dois juntos ganharam . . . . .

- 6) Leiam com atenção e coloquem os resultados onde há uns pontinhos:

O dôbro de 8 é . . . . . é o dôbro de 3

O dôbro de 7 é . . . . . A metade de uma dezena é . . . . .

O dôbro de 4 é . . . . . O dôbro de uma dezena é . . . . .

A metade de uma dúzia é . . . . . O dôbro de uma dúzia é . . . . .

. . . . . é a metade de 18 A metade de meia dúzia é . . . . .

- 7) Coloquem adiante dos números seguintes as respostas conforme mandam as palavras escritas antes:

20 é . . . . . 9 é . . . . .

18 é . . . . . 7 é . . . . .

A metade de 14 é . . . . . O dôbro de 6 é . . . . .

12 é . . . . . 10 é . . . . .

16 é . . . . . 8 é . . . . .

- 8) Maria recebeu Cr\$ 10,00 para pagar o ônibus. Gastou a metade. Ficou com . . . . .

- 9) Tonico tinha 26 tampinhas. Deu a José a metade. Ficou com: — 5 — 8 — 10 — 13 — 15

(Façam uma bolinha em cima da resposta certa).

- 10) A mãe de Paulinho deu-lhe Cr\$ 20,00 para a merenda. Ele gastou a metade. Recebeu de trôco . . . . .

- 11) Lúcia e Laura ganharam uma dúzia de rosas para as duas jarras da escola. Desenhe em seu caderno as duas jarras com as rosas de cada uma. Pinte a meta de *vermelho* e o resto de *rosa*.



- 12) Zequinha recebeu estas bolinhas de presente: o o o o o o o o. Deu a metade a seu irmãozinho. Separe por um traço as bolinhas de cada um.
- 13) As galinhas de Lucinha botaram 8 ovos em um ninho e 6 em outro. Maria pôs um bôlo e gastou a metade de todos. Escreva quantos sobraram. R. . . . .
- 14) O caderno de Carlos tem 40 folhas. Ele reservou metade para cópia e a outra parte para contas. Quantas reservou para cada matéria? . . . . .
- 15) O papagaio de Zezé já está bem alto. Ele viu que ia desenrolar a metade da linha de seu carretel de 100 metros. Quantos metros há ainda no carretel? . . . . .
- 16) Válter possuía 140 figurinhas. Deu a metade a Miguel e vendeu 15. Escreva no espaço que segue quantas figurinhas Válter tem agora R. . . . .
- 17) A biblioteca de Júlio é formada de 136 livros. A metade é de livros de histórias. 15 são livros de estudo, 4 dicionários e 33 livros de aventuras. O restante são revistas. Vocês sabem dizer quantas revistas há na biblioteca de Júlio? . . . . .
- 18) O pátio da escola é quadrado. Os meninos brincam em um lado e as meninas em outro. Desenhem aí no caderno um quadrado. Separem o quadrado em duas metades por uma linha. Pintem a metade dos meninos de verde porque está gramado para o futebol. A outra metade de marrom porque está calçada de tijolos.

#### JOGO PARA VERIFICAÇÃO DA APREDIZAGEM

“Vamos jogar: Um aluno virá dividir o quadro em duas metades, duas partes iguais por um traço. A classe também vai ser dividida em duas partes iguais. Cada parte será um partido. Cada lado do quadro negro servirá para marcar os pontos de cada partido. O partido da direita será o *Azul*, e o da esquerda, o *Rosa*.”

As palavras *Azul* e *Rosa* deverão ser escritas em cada metade, na parte superior do quadro.

Serão chamados 2 alunos, um de cada partido. Cada um ficará em frente à metade do quadro correspondente a seu partido, com um pedaço de giz na mão.

O jogo consiste em escrever o mais depressa possível a resposta a uma pergunta feita pela professora. Quem escrever primeiro e certo ganhará o ponto.

Assim: “A metade de 6 é . . . . . (deverão escrever 3 imediatamente. Se ambos escreverem ao mesmo tempo, os dois ganharão o ponto. Outros dois serão chamados até virem todos os alunos dos dois partidos.

#### PERGUNTAS QUE PODEM SER FEITAS PELA PROFESSORA

- A metade de uma hora é . . . . .
- A metade de Cr\$ 10,00 é . . . . . O dôbro de Cr\$ 10,00 é . . . . .
- A metade de uma dúzia é . . . . . O dôbro de litros é . . . . .
- A metade de uma dezena é . . . . . O dôbro de uma dúzia é . . . . .
- A metade de 4 quilos é . . . . . O dôbro de uma dezena é . . . . .
- A metade de 6 litros é . . . . . O dôbro de 7 quilos é . . . . .
- A metade de 8 metros é . . . . . O dôbro de 15 metros é . . . . .
- A metade de um cento é . . . . . O dôbro de 15 minutos é . . . . .

Cada pergunta deverá ser feita a uma dupla de alunos: um de cada partido.

O partido que conseguir o maior número de pontos será o vencedor.

*Nota:* Se a professora julgar conveniente, poderá repetir os problemas introduzindo outros dados e, sempre que possível, com as ocorrências da escola, da cidade, desde que seja a experiência das crianças.

## ENSINO DE QUARTOS

Para introduzir o ensino de quartos, a professora tomará, de seu material, a ficha que deverá ser dividida em 4 partes. Apresentá-la-á aos alunos dizendo:

*"Aqui está o pudim que a mãe de Tonico fez para seus 4 filhos. Como ela sabe que Tonico é muito guloso e gosta de tirar o pedaço maior, ela já marcou direitinho onde deve ser cortado o pudim. Olhem bem. São todos iguais, do mesmo tamanho. Paulinho está muito alegre porque ele é pequeno e vai comer um pedaço grande."*

Agora, quero saber se alguém sabe dizer como se chama cada pedaço que cada menino vai receber? Vamos recortar o pudim". A professora corta o 1.º quarto e o mostra a todos. "Quem adivinha como se chama este pedaço ou fração? Ninguém sabe? 1/4 um quarto. Todos já sabem. Este pedaço chama-se 1/4. Olhem bem para o 2.º pedaço do pudim. Já sabem que se chama 1/4 porque é igual ao primeiro. Quantos quartos nós já cortamos? Quantos quartos ficaram? Vamos tirar o 3.º pedaço. Já tiramos quantos quartos? Quantos ficaram? O pudim inteiro quantos quartos tem? Quantas vezes 1/4 tem o pudim inteiro? Se dividirmos o pudim inteiro entre duas pessoas, apenas, quantos quartos cada um receberá? Se tirarmos 2/4 do pudim inteiro, que parte sobrá? 2/4 é maior ou menor do que 1/4? 2/4 é maior ou menor do que 1/2? Vamos comparar. Olhem a ficha de 1/2. Agora tomemos 2/4. Olhem bem. Vamos colocar a ficha de 1/2 sobre a ficha de 2/4. Qual é a maior? Viram então que são iguais. Então poderemos dizer que 2/4 é igual a 1/2".

**Atenção!** Antes que os alunos respondam, se revelarem certa dúvida, a professora deverá repetir tôdas as explicações demonstrando tudo com as fichas para que os próprios alunos concluem e dêem respostas certas categóricas, uma vez que a demonstração com as fichas é a resposta. Não dá margem a dúvidas.

Depois de verificado que os alunos já aprenderam o que significa 1/4, 2/4, 3/4 e 4/4, poderá dar exercícios semelhantes aos que seguem:

- 1) Como se chama este pedaço? (Mostrar a porção que corresponde a 1/4).
- 2) Se juntarmos dois pedaços iguais a este, que fração teremos? (Mostrar os dois pedaços).
- 3) Se juntarmos 3 pedaços ou três frações de 1/4, quanto teremos?
- 4) O inteiro quantos pedaços de 1/4 tem? (Mostrar a ficha de inteiro dividida em quartos).
- 5) Do inteiro, se tirarmos 2/4 que pedaço sobrá?
- 6) Se tirarmos 3/4 do inteiro, que sobrá?

Juntando 4 vezes 1/4, que formaremos?

Se repartirmos 4/4 entre 4 pessoas, que parte ficará para cada uma?

E se dividirmos 4/4 entre 2 pessoas, que parte ficará para cada pessoa?

Olhem bem para estes dois pedaços: 1/4 e 1/2. Qual é o menor?

Reparem bem: aqui estão 2 pedaços: 2/4 e 1/2. Qual é o maior?

Agora tirem, entre suas fichas, as que eu vou ditar:

Ficha de inteiro (sem divisão, bôlo inteiro).

Ficha de inteiro para ser dividida em duas metades ou dois meios.

Ficha que representa a metade ou meio.

Ficha que representa o inteiro que vai ser dividido em 4 partes.

Ficha que representa 1/4.

Ficha que representa 2/4.

Ficha que representa 3/4.

Olhem tôdas muito bem!

Coloquem em ordem. As maiores primeiro. Vocês têm aí 4 frações. Os inteiros não entram. Vamos trabalhar com pedaços, somente, com frações. Quando o bôlo está inteiro, não é fração, não é pedaço.

Coloquem em ordem:

*"Prestem bastante atenção. Basta comparar as partes coloridas. A maior porção colorida é a maior fração."*

Os alunos deverão colocar assim:  $3/4$ ,  $2/4$  e  $1/2$  juntas e  $1/4$ . Para acharem a quarta parte do bôlo, vocês repartiram o bôlo em quantas partes?

Quem sabe o que devemos fazer para acharmos a quarta parte de 4? É o mesmo que repartir 4 laranjas para 4 meninos. Quantas receberá cada um?

A quarta parte de 8 é . . . . . A metade de 8 é . . . . .

A quarta parte de 12 é . . . . . A metade de 12 é . . . . .

### EXERCÍCIO DE VERIFICAÇÃO

*Responder com a ajuda das fichas:*

- 1) Quantos quartos há em 1 inteiro? . . . . .
- 2) Quantos meios há em um inteiro? . . . . .
- 3) Se dividirmos 1 bôlo entre 2 meninos, cada um receberá . . . . .
- 4) E se o bôlo fôr dividido entre 4 meninos a parte de cada um será . . . . .
- 5) Qual é a maior fração  $1/2$  ou  $1/4$ ? . . . . .
- 6) Quantos quartos necessito para formar  $1/2$ ? . . . . .
- 7)  $1/2$  é a metade ou dôbro de  $1/4$ ? . . . . .
- 8)  $1/4$  é a metade ou o dôbro de  $1/2$ ? . . . . .
- 9) Do inteiro, se tirarmos  $1/4$  que parte ou fração sobrarã?
- 10) Se tirarmos  $2/4$  do inteiro, a sobra será de . . . . .
- 11) E se tirarmos  $3/4$  o que restará do inteiro?

*Responder em algarismos romanos*

- 1) A metade de II é . . . . .
- 2) A metade de IV é . . . . .
- 3) A metade de VI é . . . . .
- 4) A metade de VIII é . . . . .
- 5) A metade de X é . . . . .
- 6) O dôbro de XII é . . . . .
- 7) O dôbro de XII é . . . . .
- 8) O dôbro de XV é . . . . .
- 9) O dôbro de XX é . . . . .
- 10) O dôbro de XXV é . . . . .

### EXERCÍCIOS DE RECONHECIMENTO

As fichas de meios e quartos, bem como os inteiros, funcionarão como cartões-relâmpago.

A professora separará tôdas as fichas ensinadas: 1 inteiro,  $2/2$  (inteiro)  $4/4$  (inteiro),  $1/2$ ,  $1/4$ ,  $2/4$  e  $3/4$ . Apresentará uma de cada vez, lentamente, a fim de verificar se os alunos, pela porção da ficha, serão capazes de dizer a fração correspondente. Constatado que os alunos não se enganam, poderá iniciar a apresentação das fichas, voltando o lado que não possui indicação alguma para os alunos. A apresentação tem de ser rápida. A resposta deverá ser dada em segundos, demonstrando que o aluno domina o problema. Apresentará tantas vezes quantas necessárias e, se possível, em forma de jôgo.

### EXERCÍCIOS DE IDENTIFICAÇÃO

A professora mandará, em seguida, que os alunos procurem entre as fichas de seu joguinho tôdas as que foram estudadas em classe. A medida que as forem encontrando colocá-las-ão sôbre a carteira guardando as restantes do joguinho dentro da caixinha.

Fará, ainda, alguns exercícios. Exemplos:

"Separem tôdas as fichas de inteiro. Quantas vocês separaram?" Mandará que alguns meninos se levantem e as mostrem para os colegas.

"Agora, procurem a maior das frações que estão sobre a carteira." Separem, também, a menor. Tirem as que indicam a metade". Que ficha sobrou?"

#### EXERCÍCIOS COM DESENHOS

Desenhe um quadrado. Divida-o em quatro partes iguais. Pinte a metade de amarelo.

Desenhe um quadrado. Divida-o em quatro partes iguais. Pinte  $\frac{1}{2}$  de verde.

Faça um círculo. Divida-o em 4 partes iguais. Pinte  $\frac{3}{4}$  de vermelho.

Desenhe 2 quadrados iguais. Divida 1 em quartos ou quatro partes iguais e o outro em meios ou metades.

Pinte  $\frac{2}{4}$  do primeiro de vermelho. Pinte também a metade do segundo de amarelo.

Agora, compare bem: os pedaços pintados são iguais ou diferentes?

Se você acha que são iguais, faça uma cruz sobre a palavra iguais, se acha que são diferentes, a cruz deve ser feita sobre a palavra diferentes.

#### PROBLEMAS SOBRE MEIOS OU METADES

- 1) Ricardo possuía 84 figurinhas. Colocou a metade no álbum e deu 12 ao Juca. Ficou com . . . . . (30)
- 2) Juquinha tinha 8 bolinhas. Deu a metade delas a José. Juquinha ficou com . . . . . (4) José recebeu . . . . . (4) bolinhas.
- 3) D. Pata chocou 12 ovos. A metade dos patinhos é amarelinha. A outra metade é marrom. Desenhe em seu caderno os patinhos amarelinhos.

- 4) Um quitandeiro comprou um cento de laranjas. Deu a metade. Ficou com . . . . . (50) laranjas.
- 5) Marisa plantou umas mudinhas de flores em um vaso. Nasceram 12 florzinhas. A metade é azul e o resto de cor vermelha. Desenhe em seu caderno um vaso com as 12 florzinhas e pinte-as direitinho.
- 6) Zézinho quer comprar uma bola de couro. Tem apenas Cr\$ 140,00 que é a metade do preço da bola. A bola custa . . . . . (Cr\$ 280,00).
- 7) Paulo comprou 2 lápis, 2 canetas, 2 borrachas, 2 livros e 2 cadernos para ele e sua irmãzinha. Cada um ficou com a metade dos objetos. Coloque no espaço que segue o número de objetos que a irmã de Paulo recebeu . . . . . (5)
- 8) José e João ganharam juntos Cr\$ 40,00. Cada um ficou com a metade do dinheiro. José ficou com Cr\$ . . . . . (Cr\$ 20,00) João ficou com Cr\$ . . . . . (Cr\$ 20,00) José gastou a metade do que recebeu. João gastou  $\frac{1}{4}$ , apenas. José tem agora . . . . . (Cr\$ 10,00). João ficou com Cr\$ . . . . . (Cr\$ 15,00).

#### PROBLEMAS SOBRE QUARTOS

- 9) Juquinha comeu  $\frac{1}{4}$  do bôlo que sua mãe lhe deu. Desenhe o bôlo em seu caderno. Pinte de vermelho a parte que Juquinha comeu. O que sobrou, pinte de amarelo.
- 10) Maria preparou um canteiro quadrado. Plantou flores de várias cores.  $\frac{3}{4}$  de violetas (roxas).  $\frac{1}{4}$  de rosas (amarelas),  $\frac{1}{4}$  de rosas (vermelhas) e  $\frac{1}{4}$  de margaridas (brancas). Desenhe o canteiro com as flores. Cuidado para não trocar as cores.
- 11) D. Rosa quer dar Cr\$ 20,00 a 4 pobres. Cada pobre vai receber . . . . . (Cr\$ 5,00).
- 12) No quintal da casa de Juquinha há 40 pés de árvores frutíferas.  $\frac{3}{4}$  são jabuticabeiras. Quantos pés de jabuticabeiras há? . . . . . (10).

- 13) Valter tem uma coleção completa de figurinhas. São 80. Colou  $\frac{1}{4}$  no álbum. Faltam . . . . . (60) para colar.
- 14) Marcos gosta de colecionar lápis. Possui uma caixa cheia com 120. Marcos vai dar  $\frac{1}{4}$  deles a Manoel. Ficará com . . . . . (90).
- 15)  $\frac{1}{4}$  de um bôlo custou Cr\$ 70,00. Se comprar o bôlo inteiro pagarei . . . . . (Cr\$ 280,00).
- 17) 1 litro de leite custa Cr\$ 20,00.  $\frac{1}{2}$  litro custará . . . . . (Cr\$ 10,00) e  $\frac{1}{4}$  valerá . . . . . (Cr\$ 5,00).
- 18) A galinha ruiva botou 8 ovos. Juquinha colheu  $\frac{1}{4}$  deles. Ficaram . . . . . (6) no ninho.
- 19) Pedro ajudou sua mãe na horta. Pelo seu trabalho ganhou Cr\$ 20,00. Gastou  $\frac{1}{4}$ . Ficou com Cr\$ 5,00 — Cr\$ 10,00 — Cr\$ 15,00 — Cr\$ 20,00.

## (RISQUE A RESPOSTA CERTA)

- 20) Pedrinho comprou na quitanda  $\frac{1}{4}$  de um queijo por Cr\$ 25,00. Sua mãe mandou que ele voltasse e comprasse mais  $\frac{2}{4}$  do mesmo queijo. Quanto terá que pagar? Que parte comprou ao todo? Quanto custa o queijo inteiro? (Cr\$ 50,00) ( $\frac{3}{4}$ ) (Cr\$ 100,00).
- 22) Para fazer a cortina do armário da escola, Margarida comprou um metro de pano por Cr\$ 40,00. Ficou ainda com  $\frac{2}{4}$  do dinheiro que possuía. Quanto tinha Margarida antes de comprar o pano?  
Cr\$ 20,00 — Cr\$ 30,00 — Cr\$ 40,00 — Cr\$ 60,00 — Cr\$ 80,00 — Cr\$ 100,00.

(Faça um círculo ao redor da quantia que Margarida possuía antes de comprar o pano) (Cr\$ 80,00).

- 23) João comprou uma bola por Cr\$ 60,00. Vendeu-a ao Juquinha com um lucro de  $\frac{1}{4}$  do preço da compra. Quanto ganhou João? Por quanto vendeu a bola?  
(Cr\$ 15,00 — Cr\$ 75,00)

Depois de vencidas as dificuldades, os alunos poderão jogar de acôrdo com as instruções que acompanham as fichas. Convém lê-las antes de iniciar o jôgo. É importante que os alunos verifiquem se conhecem tôdas as fichas de inteiros, meios e quartos. A professora poderá fazer, se necessário, um pequeno treino, ensinando como conhecer as fichas, caso os alunos tenham dificuldades. Separar do conjunto tôdas as fichas que indiquem as frações que são valorizadas no jôgo — inteiros, meios e quartos. Não há necessidade de ensinar outras frações. Os alunos, conhecendo as fichas de inteiro já estudadas, 1,  $\frac{2}{2}$  e  $\frac{4}{4}$  poderão apenas compará-las com as outras de inteiros:  $\frac{3}{3}$ ,  $\frac{5}{5}$ ,  $\frac{6}{6}$ ,  $\frac{7}{7}$ ,  $\frac{8}{8}$ ,  $\frac{9}{9}$  e  $\frac{10}{10}$  e saberão que embora estejam com outras indicações, são também inteiros. Farão o mesmo com as fichas de meios ou metades. Já conhecem pelos estudos as fichas de  $\frac{1}{2}$  e  $\frac{2}{4}$ . Basta que comparem as porções coloridas das fichas. Verificarão que  $\frac{3}{6}$ ,  $\frac{4}{8}$ , e  $\frac{5}{10}$  são iguais a  $\frac{1}{2}$  e a  $\frac{2}{4}$  são, pois, metades ou meios. Seguirão o mesmo processo para reconhecer outra ficha idêntica a  $\frac{1}{4}$  que é  $\frac{2}{8}$ . Para a ficha de  $\frac{3}{4}$  os alunos encontrarão sua semelhante que será  $\frac{6}{8}$ .

ATENÇÃO! Na hipótese de haver dificuldade em reconhecer as fichas equivalentes, pelo desenho, apenas, o jôgo deve ser feito com as fichas já estudadas. Seguir rigorosamente as instruções que acompanham o joguinho, transcritas abaixo para orientar a professora.

## INSTRUÇÕES PARA O JOGO

## 2.º ANO

Número de pessoas: 2 ou 4:

Nota: A parte colorida representa a fração ou pedacinho com que se vai jogar.

REVISTA DO ENSINO  
INSTRUÇÕES PARA 2 ALUNOS

O jôgo consiste em conhecer as fichas que representam INTEIROS, MEIOS E QUARTOS.

VALORIZAÇÃO: A ficha de inteiro vale 1 ponto.  
A ficha de  $1/2$  vale 2 pontos.  
A ficha de  $1/4$  vale 4 pontos.

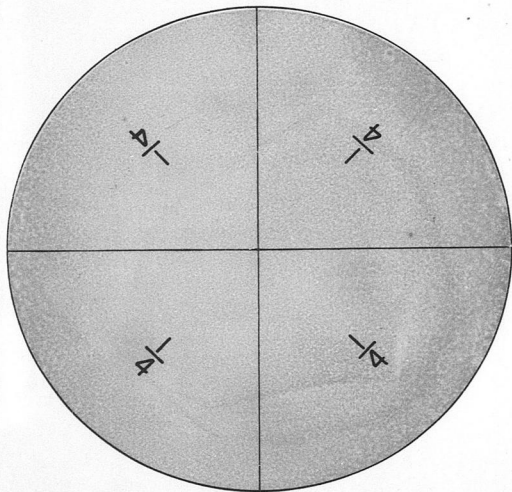
*Um aluno baralha as 55 fichas.  
Distribui 5 para cada jogador.  
Deixa 5 na mesa.*

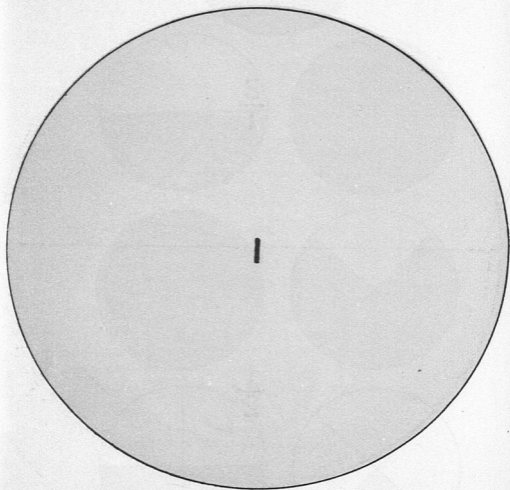
Um aluno começa tirando, entre as fichas que estão na mesa, uma que represente INTEIRO, MEIO ou QUARTO. Só poderá retirar uma de cada vez, deixando em seu lugar uma das que tem na mão, que não tenha valor.

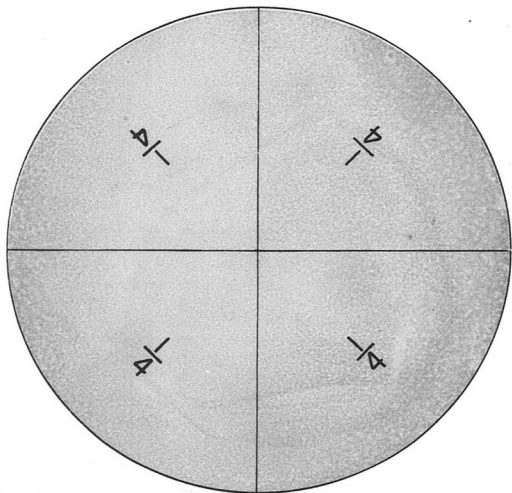
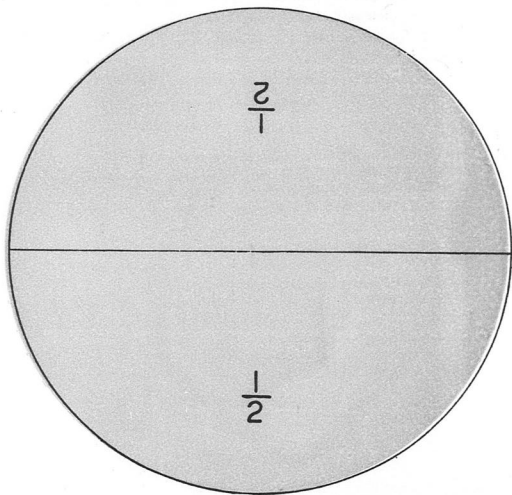
Se o jogador possui uma ou mais fichas que têm valor, entre as 5 que recebeu, não deverá jogá-las, mas separá-las para somar no final do jôgo com seus pontos.

Jogadas as 5 primeiras fichas, outras 5 serão distribuídas para cada aluno, ou jogador. Continuarão o jôgo até terminarem tôdas as fichas.

Cada aluno somará seus pontos, em papel, de acôrdo com a valorização das fichas que separou. As que não têm valor ficarão sôbre a mesa. Quem tiver o maior número de pontos, será o vencedor.



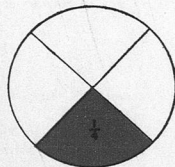
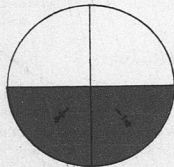
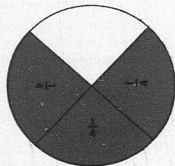
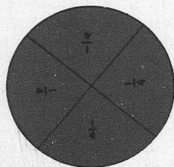
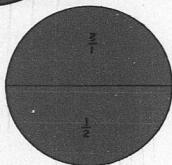
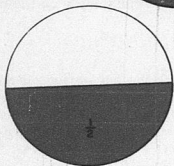
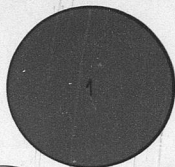
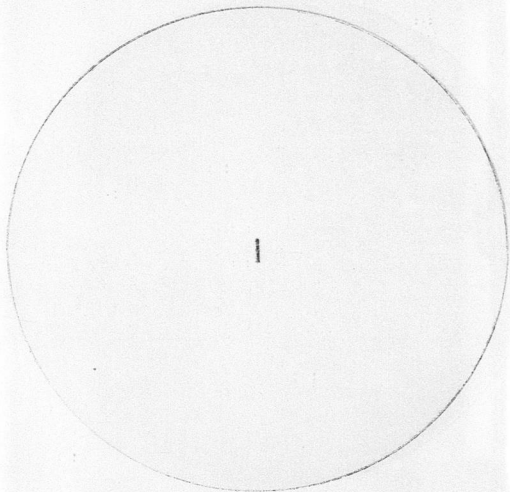




*Transcrito do livro "Brinquedo de Frações",  
de Helena Jorge.*

*(Revista do Ensino N.º 214)*





Transcrito do livro "Brinquedos de Frações",  
de Helena Jorge.

(Revista do Ensino N.º 214)

## Como Levar o Aluno a Se Familiarizar Com as Frações Ordinárias Equivalentes à Percentagem

*Maria A. Passos do Carmo*

O estabelecimento de relações entre frações ordinárias e percentagem muitas vezes possibilita o uso de um processo mais rápido para se encontrar a solução para um problema. Exemplo: Para se achar 20% de Cr\$ 400,00 é muito mais rápido fazer-se a divisão dessa quantia por 5 (porque 20% é igual a  $1/5$ ) do que multiplicá-la por vinte e dividir por cem, tal como se faz mais comumente.

O conhecimento, pelos alunos, das frações ordinárias equivalentes à percentagem irá, portanto, ajudá-los, fornecendo-lhes mais um recurso para resolver as situações problemáticas que possam encontrar.

Aqui, como em tôdas áreas da Aritmética, cabe à professora orientar o trabalho da classe, providenciando atividades que possibilitem a descoberta destas equivalências. O professor não pode passar à frente de seus alunos a "dar" as conclusões a que eles deveriam chegar. Quem deve estabelecer as relações e chegar às conclusões são os próprios alunos.

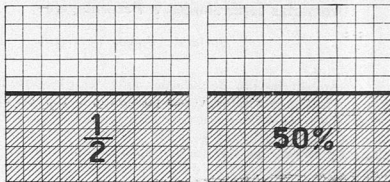
### ATIVIDADES

A professora poderá apresentar à classe problemas para os alunos resolverem.

— Em um teste de ortografia de 100 palavras, Antônio acertou 50% das palavras e Pedro acertou a metade das

palavras. Os dois alcançaram a mesma nota. Vocês acham que a nota foi justa? Como poderão resolver este problema?

A professora poderá distribuir entre os alunos quadrados de papel quadriculado, tendo cada um 100 quadradinhos, e pedir-lhes para colorir 50% de um e a metade do outro.



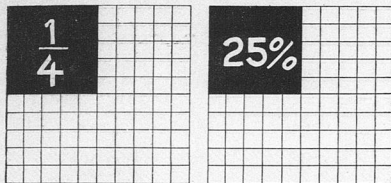
- Qual foi a conclusão a que vocês chegaram?
- Então 50% é a metade de um inteiro, não é?
- Se 50% é a metade de um inteiro, qual é a fração ordinária igual a 50%?

Os alunos poderão escrever 50% em um dos quadrados e  $1/2$  no outro.

— João e Luís são jornalheiros. Cada um recebeu 100 jornais para vender. João só não conseguiu vender 25% dos jornais. Luís disse que a 4.<sup>a</sup> parte dos jornais que recebeu não foi vendida e que portanto os dois não tinham vendido o mesmo número de jornais.

Vocês acham que Luís tinha razão?

Os alunos poderão utilizar os quadrados de 100, recortados em papel quadriculado. Poderão colorir em um dos quadrados a parte equivalente a  $1/4$ , e, no outro, a parte equivalente a 25%.



Os alunos verão que 25% é igual a  $1/4$ .

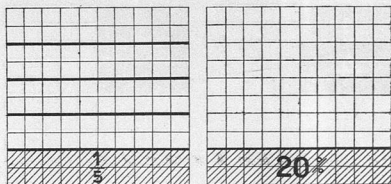
— Carlos queria comprar uma bicicleta que custava Cr\$ 40.000,00. Em uma loja ele viu o seguinte anúncio:

Grande liquidação  
Vendas com uma redução de 20%...

Carlos pensou, pensou, e chegou à conclusão de que primeiro teria de achar de quanto era o desconto. Para isso, ele dividiu Cr\$ 40.000,00 por cinco, porque pensou assim:  $20\% = 1/5$ .

— Como vocês podem provar que Carlos estava certo ou que ele tenha errado?

A professora poderá sugerir o uso dos dois quadrados de cem quadradinhos cada um, pedindo aos alunos para colorirem em um deles os quadradinhos que formam  $1/5$ , no outro, os que formam 20%.



Os alunos verão que 20% é igual a  $\frac{1}{5}$ .

A professora poderá perguntar ainda:

— Que percentagem vocês não coloriram no papel?

Atividades semelhantes a estas deverão ser providenciadas para que os alunos “vejam” a equivalência entre frações ordinárias e percentagem.

A medida que os alunos forem descobrindo as equivalências poderão organizar o seu fichário. Cada ficha poderá ser de uma cor, presas uma a outra com durex ou grampo.

1 inteiro = 100%

$\frac{1}{2} = 50\%$				$\frac{1}{2} = 50\%$			
$\frac{1}{4} = 25\%$		$\frac{1}{4} = 25\%$		$\frac{1}{4} = 25\%$		$\frac{1}{4} = 25\%$	
$\frac{1}{8} = 12,5\%$	$\frac{1}{8} = 12,5\%$	$\frac{1}{8} = 12,5\%$	$\frac{1}{8} = 12,5\%$	$\frac{1}{8} = 12,5\%$	$\frac{1}{8} = 12,5\%$	$\frac{1}{8} = 12,5\%$	$\frac{1}{8} = 12,5\%$

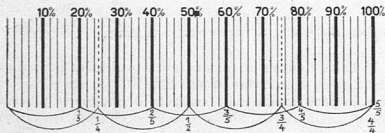
A professora manterá exposto, permanentemente, na sala de aula, um cartaz. Neste cartaz serão anotadas as equivalências à medida que forem sendo descobertas pelos alunos.

Sugestão:

EQUIVALÊNCIAS		
Porcentagem	Fração decimal	Fração ordinária
50%	0,50	$\frac{1}{2}$
25%	0,25	$\frac{1}{4}$
75%	0,75	$\frac{3}{4}$
10%	0,10	$\frac{1}{10}$
20%	0,20	$\frac{1}{5}$
5%	0,05	$\frac{1}{20}$

NOTA: Considerando-se que ao iniciar o estudo da percentagem a professora deve levar o aluno a concluir que percentagem é uma outra forma de se expressar frações decimais, poderá ser incluída, no gráfico, uma coluna para estas frações.

Poderá também organizar juntamente com a classe um gráfico semelhante ao que se segue.



Baseando-se no gráfico, poderá fazer perguntas, como:

— Que percentagem o gráfico todo representa?

— Em quantas partes está dividida cada parte do gráfico, que representa 10%?

— Que percentagem do gráfico todo representa cada uma destas partes?

— De acordo com o gráfico, dê as percentagens equivalentes a  $\frac{1}{2}$ ,  $\frac{1}{4}$ ,  $\frac{3}{4}$ ,  $\frac{1}{5}$ ,  $\frac{4}{5}$ ,  $\frac{5}{5}$ .

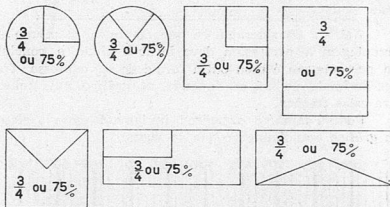
Estas atividades ajudam os alunos a compreender 100% como inteiro, como um total, e não ficarão presos à idéia de que a percentagem só poderá ser calculada quando o total for 100.

A professora poderá ajudá-los com perguntas.

— Vocês viram que 20% é igual a  $\frac{1}{4}$ . Quanto é 25% de 12?

A classe poderá ainda representar as percentagens e frações ordinárias equivalentes de várias maneiras.

Exemplo:



Estas e outras atividades que a professora poderá providenciar, de acordo com as possibilidades de sua classe, concorrerão para tornar mais concreto o estudo da percentagem e possibilitarão, ainda, o estabelecimento de relações entre as diversas áreas da matéria.

Em consequência, facilitarão a aprendizagem reduzindo a aversão que a maior parte de nossos alunos têm pela Aritmética.

## Estudos Sobre os Questionários Remetidos às Escolas Normais do Estado

Hilda S. Soares Fonseca

A Seção de Orientação do Ensino Normal — DEO — 2 — elaborou um questionário com o objetivo de apurar as realizações e verificar as necessidades das Escolas Normais de nosso Estado.

Contamos com a colaboração de 87 Escolas Normais de todo o Estado, percentagem de 51% em um total de 170.

Escolas Normais	Número de Escolas	Quest. res pondidos	%
Instituto Educação . . . . .	1	1	—
Escolas N. Oficiais . . . . .	27	14	52
Escolas N. Reconhecidas . . . . .	124	65	52
Cursos N. Regionais Oficiais . . . . .	4	1	25
Cursos N. Regionais Reconhecidos . . . . .	14	7	50
Total . . . . .	170	87	51%

### I PARTE: Bibliotecas

#### Número de volumes pedagógicos

Tomamos como base de classificação: 30 volumes para cada matéria: — 300 volumes em média. A qualidade desses livros pedagógicos não foi levada em consideração e poderá ser objeto de um estudo e orientação à parte.

Nº de Volumes	Classificação	nº de Escolas
500 em diante	Ótimo	20
401 — 500	Muito Bom	7 39%
301 — 400	Bom	7
226 — 300	Regular	13
151 — 225	Sofrível	6
76 — 150	Fraco	9 56%
0 — 75	Péssimo	8
Abstenções	.. . . .	13

Pelos dados do quadro de número de volumes pedagógicos, 39% das bibliotecas atingem à classificação: Bom, Muito bom e ótimo e 56%: regular a péssimo, incluindo abstenções. Há, pois, uma necessidade em renovar e ampliar as bibliotecas das Escolas Normais, como veremos posteriormente no quadro de necessidades.

## II PARTE

Tipos de Salas	Resp. Posi- tivas		Resp. Ne- gativas	
		%		%
Laboratórios . . . . .	70	80	17	20
Museus . . . . .	48	60	39	40
Música . . . . .	50	56	37	44
Desenho . . . . .	43	49	44	51
Ambiente . . . . .	42	48	45	52

## III PARTE

## ATIVIDADES ESCOLARES

## Reuniões mensais dos diretores

Nº de reuniões	N.º Escolas	%
1	30	34,5
2	15	17
3	2	2
4	9	1
5	1	1
7	3	3
8	3	1
10	1	1
15	1	1
32	1	1
Abstenções	15	17

34,5% de Escolas Normais fazem 1 reunião por mês e 17% 2 reuniões.

## INSTITUIÇÕES SOCIALIZADORAS

Em média duas (2) Instituições Socializadoras em cada Escola Normal.

## ATIVIDADES EXTRACLASSE

Variam entre: jogos, clubes de pintura, de desenho, de Música e de leitura, excursões etc.

## IV PARTE

## CLASSES ANEXAS

## NÚMERO DE REUNIÕES PEDAGÓGICAS MENSAIS

N.º de Escolas

1	_____	20
2	_____	17
3	_____	1
4	_____	18
5	_____	1
8	_____	2

## BIBLIOTECA

68 (78%) das Classes Anexas possuem Bibliotecas

## V PARTE

NECESSIDADES DAS ESCOLAS NORMAIS, EM ORDEM  
DECRESCENTE

## QUADRO DAS NECESSIDADES

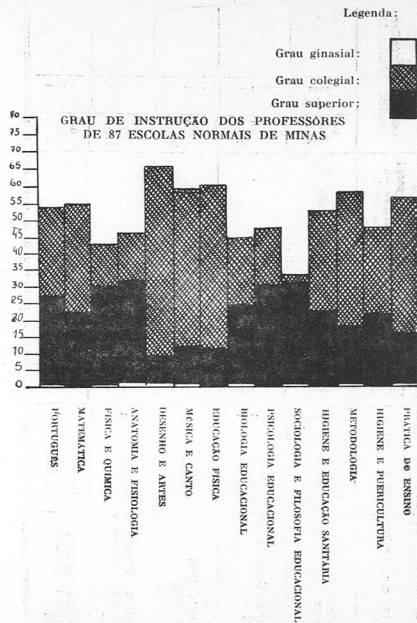
Neccesidades	Nº de Es- colas
1 — Auxílios audio-visuais . . . . .	29
2 — Material didático . . . . .	28
3 — Melhoria da Biblioteca . . . . .	26
4 — Melhoria do mobiliário . . . . .	17
5 — Melhoria do prédio . . . . .	17
6 — Recurso Financeiro . . . . .	6
7 — Cursos de Especialização para profes- sões . . . . .	3
8 — Abstenções . . . . .	6

Como observamos no quadro acima, as maiores ne-  
cessidades das Escolas Normais residem em AUXÍLIOS  
AUDIO-VISUAIS, MATERIAL DIDÁTICO, MELHORIA DA  
BIBLIOTECA, MELHORIA DO MOBILIÁRIO E DO  
PRÉDIO.

MATÉRIA QUE LECIONA	GRAU DE INSTRUÇÃO		NOMEAÇÃO Contrato? Concurso?		REGISTRADO?	CURSO QUE POSSUI (especialização, férias etc.)			ANOS DE MAGIS.	Trabalhos Publicados
			N	Ce		16	20%	0 - 5		
Português	Ginásial Colegial Superior	54 27	1 82	N	3	72	Especial. Férias Outros	16	20%	0 - 5
				Ce	36 5			19	5%	15 6 - 10 12 11 e + 57
Matemática	Ginásial Colegial Superior	55 23	1 78	N	3	70	Especial. Férias Outros	14	14%	0 - 5
				Ce	35 2			19 3	24%	12 6 - 10 20 11 + 44
Física e Química	Ginásial Colegial Superior	42 30	1 73	N	2	60	Especial. Férias Outros	10	13%	0 - 5
				Ce	35 2			15 1	20%	16 6 - 10 22 11 + 36
Anatomia Fisiologia	Ginásial Colegial Superior	45 31	2 78	N	4	78	Especial. Férias Outros	11	14%	0 - 5
				Ce	35 7			11 2	14%	24 3 - 10 19 11 + 31
Desenho e Artes	Ginásial Colegial Superior	66 9	1 76	N	5	66	Especial. Férias Outros	14	18%	0 - 5
				Ce	34 4			14 1	18%	20 6 - 10 21 11 + 40
Música e Canto	Ginásial Colegial Superior	1 12	1 72	N	4	60	Especial. Férias Outros	17	23%	8 - 5
				Ce	34 3			17 1	23%	18 6 - 10 20 11 + 38
Educação Física	Ginásial Colegial Superior	61 12	1 73	N	8	59	Especial. Férias Outros	18	15%	0 - 5
				Ce	35 3			12 1	16%	20 6 - 10 21 11 + 29
Biologia Educacional	Ginásial Colegial Superior	44 24	1 74	N	2	60	Especial. Férias Outros	11	13%	0 - 5
				Ce	30 5			14 2	15%	14 6 - 10 15 11 + 31
Psicologia Educacional	Ginásial Colegial Superior	47 31	1 78	N	5	65	Especial. Férias Outros	17	21%	0 - 5
				Ce	32 7			9 1	11%	21 6 - 10 16 11 + 33
Sociologia e Filosofia E.	Ginásial Colegial Superior	33 32	1 66	N	2	58	Especial. Férias Outros	18	27%	0 - 5
				Ce	29 5			11 12	16%	13 6 - 10 13 11 + 40
Higiene e E. Sanitária	Ginásial Colegial Superior	52 23	1 76	N	4	61	Especial. Férias Outros	17	22%	0 - 5
				Ce	30 5			9 2	12%	11 6 - 10 17 11 + 38
Metodologia	Ginásial Colegial Superior	57 18	1 76	N	5	67	Especial. Férias Outros	21	27%	0 - 5
				Ce	29 5			13 2	16%	18 6 - 10 19 11 + 34
Higiene e Puericultura	Ginásial Colegial Superior	47 21	1 68	N	6	55	Especial. Férias Outros	19	27%	0 - 5
				Ce	28 4			4 3	5%	12 6 - 10 17 11 + 34
Prática de Ensino	Ginásial Colegial Superior	56 17	1 74	N	5	59	Especial. Férias Outros	23	31%	0 - 5
				Ce	23 4			7 2	9%	12 6 - 10 18 11 + 33



Materia que Leciona	Grau de Instrução		Nomeação Contrato? Concurso?	Regis- trado?	Curso que possui (especialização, férias etc.)	Anos de Magist.		Trabalhos Publicados
	Ginásial Colegial Superior	4 1				N CT C c	0-5 6-10 11 +	
Ciências Naturais	Ginásial Colegial Superior	4 1	N CT C c	4	5 Especialização 1	0-5 6-10 11 +	3 2	1
História Geral e do Brasil	Ginásial Colegial Superior	6 2	N CT C c	1 6		0-5 6-10 11 +	2 2 4	
Geografia Geral e do Brasil	Ginásial Colegial Superior	7	N CT C c	1 5		0-5 6-10 11 +	1 2 4	
Trabalhos Manuais e Economia Doméstica	Ginásial Colegial Superior	6	N CT C c	1 4	Férias: 1	0-5 6-10 11 +	1 2 3	
Trabalhos Manuais e atividades econômicas região	Ginásial Colegial Superior	5	N CT C c	1 3	Férias: 1	0-5 6-10 11 +	1 1 4	



Observando o quadro acima notamos uma pequena proporção de professores que têm nível superior em relação aos que têm nível médio. De um modo geral, os professores são normalistas de grau colegial.

No — anexo 1 — observamos:

I — O número superior de professores de nível colegial, como está traduzido no quadro acima.

II — Os professores de um modo geral são *contratados*.

III — 84% dos professores são *registrados*.

IV — Há pouca oportunidade de aproveitamento de Cursos de Especialização, de férias e outros. (Como se pode observar na coluna de Cursos que possui do Anexo 1).

V — A maioria dos professores são estáveis com 11 e mais anos de magistério.

VI — As línguas mais faladas são o FRANCÊS E INGLÊS, seguindo-se o ESPANHOL, ITALIANO, LATIM, ALEMÃO. Encontramos professores que falam o FLAMENGO, HOLANDES e GREGO.

Os questionários, enfim, nos deram grande margem para verificação das necessidades primordiais das Escolas Normais, como a necessidade de atender ao professorado com Cursos de Especialização e de Férias, recursos de materiais, livros etc.

com o intuito de estabelecer um sistema de ensino que fosse capaz de atender às necessidades da população em geral, e não apenas da elite social. Este movimento foi impulsionado por intelectuais e políticos que buscavam a melhoria da qualidade da educação pública e a ampliação do acesso a ela.

Assim, a legislação educacional passou a ser influenciada por essas ideias, refletindo a preocupação com a formação de uma sociedade mais justa e equitativa.

Essa mudança de perspectiva levou à criação de instituições de ensino que buscavam oferecer uma educação de qualidade para todos, independentemente de sua condição social ou econômica.

Além disso, a legislação passou a estabelecer normas e padrões para a organização e o funcionamento das escolas, visando garantir a qualidade do ensino oferecido.

Essas mudanças foram fundamentais para a consolidação de um sistema educacional público e gratuito, que hoje é uma das principais características da educação brasileira.

Portanto, a legislação educacional tem sido um instrumento essencial para a promoção da igualdade de oportunidades e da melhoria da qualidade da educação em nosso país.

Essa trajetória reflete o compromisso da sociedade brasileira com a educação como um direito de todos e como um meio para o desenvolvimento nacional.

## LEGISLAÇÃO ESCOLAR

11

**Portaria n.º 87**

*Estabelece normas á conduta dos alunos e á  
ação disciplinar da escola.*

O Secretário da Educação do Estado de Minas Gerais, no uso das atribuições que lhe confere o art. n.º 330 do Código do Ensino Primário, resolve estabelecer normas á conduta dos alunos e á ação disciplinar da escola pela maneira seguinte:

*Da disciplina do aluno na escola*

**I**

São deveres do aluno:

- a) comparecimento diário e á hora de começarem os trabalhos escolares, em uniforme convenientemente tratado;
- b) observância das regras de higiene individual;
- c) obediência ás determinações do diretor e auxiliares destes e professores;
- d) não se ausentar das aulas, dos exercicios, das formas, ou do estabelecimento sem licença dos superiores;
- e) correção de procedimento dentro e fora da escola;
- f) tratar com urbanidade e respeito o diretor, auxiliares deste, os professores, os servidores e com amizade os condiscipulos;
- g) zelar o prédio, os livros e os objetos escolares;
- h) submeter-se a exame médico, nos termos do art. 117 do Código do Ensino Primário.

## II

O aluno que incorrer em falta grave de disciplina ou que se obstinar em conduzir-se incorretamente, pode ser mandado para casa, prevenidos os pais, que o acompanharão à escola no dia letivo seguinte, para entendimentos com a diretora e a professora.

## III

Poderá dar-se a transferência do aluno para outra classe ou mesmo para outro estabelecimento, quando justificada por conveniência de ordem pedagógica, ou disciplinar.

## IV

Dar-se-á o cancelamento da matrícula do aluno:

- a) quando, por seu comportamento, se mostrar incorrigível;
- b) quando deixar de comparecer às aulas por mais de sessenta dias consecutivos.

*Da disciplina do aluno fora da escola*

## V

Todo aluno de escola primária deve respeitar a seus companheiros, ao diretor e aos professores e a todas as pessoas, de modo geral; deve abster-se de palavras grosseiras, bem como de cometer atos de brutalidade, de violência ou de atentado à moral e aos símbolos da Pátria; respeitar escrupulosamente a propriedade e a honra alheias e prestará, na medida de suas forças, auxílio aos necessitados.

## VI

É vedado ao aluno da escola primária:

- a) vadiar pelas ruas;

b) encontrar-se na rua, à noite, desacompanhado, depois das vinte horas;

c) freqüentar cafés, bares, cervejarias, cinemas e outros locais de diversões, sem que esteja acompanhado de pessoas da família;

d) fumar e tomar bebidas alcoólicas;

e) fazer parte de associação cuja atividade seja prejudicial à saúde e à moral ou incompatível com os preceitos escolares;

f) atirar pedras ou outros projéteis;

g) trazer consigo armas ou substâncias perigosas, tais como tóxicos, explosivos etc.;

h) danificar, por qualquer modo, o estabelecimento em que estuda;

i) desenhar, escrever ou rabiscar nas portas, paredes, muros etc.;

j) maltratar animais.

*Em ação disciplinar da escola*

## VII

Os alunos não poderão ser desviados de seus trabalhos nas classes nem empregados na escola em qualquer mister que incumba aos funcionários do estabelecimento, salvo no desempenho do processo pedagógico de cunho educativo, devidamente planejado e previamente aprovado pelo responsável técnico.

## VIII

As punições admitidas na escola primária são as notas más em comportamento, a advertência oral e particular, feita pelo professor, e, em caso de falta grave ou reincidência, a advertência escrita, enviada aos pais.

## IX

São banidos da escola os castigos físicos, as posições e expressões humilhantes, as advertências públicas, as repreensões revestidas de solenidade, a privação de refeições ou de recreios, bem como os que possam impedir o aluno de assistir a uma lição.

## X

Nenhum trabalho, em caráter extraordinário, deverá ser marcado para execução em casa. Podem ser marcados deveres escritos para preparação em casa, desde que sejam curtos e fáceis e consistam em aplicação ou resumo das lições do dia.

## XI

As assistentes escolares e os professores, na inspeção diária da classe, devem examinar se os alunos observam os preceitos de asseio, advertindo aos pais ou aos responsáveis dos que, sob este ponto-de-vista, deixarem a desejar, devendo ser tomadas pelo serviço médico-escolar, se as advertência não surtirem resultado, medidas especiais, avisados os pais.

## XII

Tôda publicação sensacional, jornais e revistas, relatando roubos, assassinatos, aventuras de detetives e semelhantes, ou que atentem contra a moral, encontrados em poder de aluno, serão confiscados e destruídos, dando-se do fato conhecimento aos pais ou responsáveis.

## XIII

São proibidos nos estabelecimentos de ensino:

a) a presença compulsória de aluno, em forma ou não, a cerimônias que exijam imobilidade ao sol ou se pro-

longuem por mais de duas horas ou ainda, que retenham menores de quatorze (14) anos além das vinte (20) horas;

b) conferências, aulas, alocações ou livros laudatórios às autoridades ou membros dos poderes da República ou do Estado.

## XIV

Quando a conduta de aluno de escola primária constitua motivo de fundado receio pela sua integridade física ou moral, e os pais ou responsáveis, devidamente advertidos, não possam ou não queiram tomar as providências necessárias, a Secretaria da Educação levará o fato ao conhecimento do Juiz de Menores para os efeitos da proteção que lhes é devida.

## XV

A falta de freqüência escolar por três (3) dias consecutivos deverá ser comunicada ao pai ou responsável para que a justifique.

## XVI

Devem ser conduzidos à presença da autoridade escolar os menores de sete (7) a quatorze (14) anos, que forem encontrados vadiando durante as horas de aulas.

*Disposições gerais*

## XVII

Os danos causados pelos alunos ao mobiliário, ao material escolar e ao edifício da escola e suas dependências serão reparados pelos respectivos pais.

## XVIII

A aplicação das disposições desta Portaria e a vigilância dos alunos fora da escola são recomendadas, com

nota especial, à atenção dos pais e responsáveis e, particularmente, aos funcionários do ensino, aos membros dos Conselhos Escolares Municipais, associações inter e extra-escolares, bem como às autoridades incumbidas da proteção aos menores.

#### XIX

Sem prejuízo da aplicação dos regulamentos de polícia, as infrações aos presentes dispositivos devem ser comunicadas aos professores, diretores e demais autoridades escolares, para os fins aqui previstos.

#### XX

Os pais ou responsáveis pelos menores de sete (7) a quatorze (14) anos, que desrespeitarem as obrigações escolares estarão sujeitos às penas da lei.

Registre-se, publique-se e cumpra-se.

Secretaria da Educação, em Belo Horizonte, em 1.º de dezembro de 1962.

CIÊNCIA PARA TODOS

## Malária — A Doença Mais Mortífera do Mundo

*Salvador Pires Pontes*

Malária — também conhecida pelos nomes de “febre intermitente”, “febre palustre”, “impaludismo”, “paludismo”, “malcita”, “tremedeira”, “sezão” ou sezonismo” — é doença infecciosa, geralmente endêmica, produzida por protozoários do gênero *Plasmodium* e transmitida por mosquitos infetados do gênero *Anopheles*, cujas fêmeas transmitem a malária.

É conhecida desde a mais remota antiguidade.

Segundo Afrânio Peixoto, em seu Tratado de Higiene, onde colhemos valiosas informações aqui citadas, a malária é mencionada na tradição grega e semítica. Já no Deuteronômio (1270 A.C.) há referências. Orfeu fazia distinção (mais de 1.000 A.C.) entre a terça da febre e a quarta. Homero, Heródoto e Platão faziam alusões a essa doença. Hipócrates descreveu todas as modalidades do sezonismo.

Nas mareas da Itália, foi devastadora a ação mortífera dessa doença.

A Itália era a terra clássica do impaludismo. A malária viera da África, onde acabou com o Egito. A Grécia foi vencida pela febre, que também dizimara os exércitos inimigos nos subúrbios de Roma, protegendo assim a urbe.

Grande foi o número de pontífices romanos sucumbidos à malária.



Júlio César, Teodorico e, mais tarde, os papas Sixto V e Pio V realizaram obras de drenagens dos Pântanos, as quais foram concluídas por Mussoline e outros estadistas.

Na América Central (península de Iucatan), os Maias eram os mais adiantados aborígenes do Nôvo Mundo, e foram dizimados pela ação dos mosquitos anofelíneos (do grego anófeles, importuno, nocivo) da malária e estegomias (do grego — stego, teto, casa+myia, mósca) da febre amarela.

Iucatan é vocábulo de origem tupi e significa — Iuca, matar; tan, muito, isto é, mortandade, hecatombe.

A história da abertura do Canal de Panamá mostra como a febre amarela, a malária e a peste opunham-se a essa obra colossal do Panamá.

Mais de 22.000 homens, engenheiros, empregados europeus, americanos do norte, do centro e do sul, morreram no Panamá.

No Brasil e no mundo, é devastadora a ação desse flagelo da febre malária.

Felizmente, a Medicina triunfou baseada nas descobertas de Laveran, Ross, Manson, Rochl, — sábios e benfeitores da humanidade que descobriram ser o mosquito o transmissor da malária, cujo problema esperava, havia 25 séculos, quem o resolvesse. E o coronel-médico americano Gorgas, Chefe do Serviço de Saúde, operou o milagre de sanear o istmo de Panamá e abrir o canal.

Atualmente e anualmente, a malária ainda ataca 200 milhões de pessoas, das quais cerca de 2 a 3 milhões perecem, não obstante os milhões de dólares gastos, anualmente, pelos Estados Unidos na Campanha contra a malária.

O Primeiro-Ministro brasileiro liberou em 6 de janeiro, deste ano de 1963, a verba de quatro bilhões e seiscentos milhões de cruzeiros, para a Campanha de Erradicação da Malária, em 1963.

## NOÇÕES GERAIS SÓBRE A MALÁRIA

A malária é transmitida por mais de 30 espécies de mosquitos da família dos anofelíneos, dos quais o principal é a "anofelina", pois, somente a fêmea se alimenta de sangue e transmite a moléstia pela picada; os machos não picam, alimentando-se apenas com o suco das plantas.

A palavra "malária" provém do italiano (mala-aria, mau ar), pois, acreditava-se que a doença proviesse do "mau ar" dos pântanos; e "maleita", do latim — *maledicta*, maldita, (a febre).

A anofelina parece com o pernilongo comum e tem os nomes de "muriçoca" (do tupi-mberu-soca), mósca que pica, dá ferroada; e "carapana" (ca, car, pungente; pana, mariposa, mósca). Tem, ainda, os nomes de "fincudo", ou "mosquito prego"; põe 200 ovos, tem as asas manchadas de preto e pousa nas paredes com o abdome levantado, à maneira de um prego fincado.

É moléstia endêmica e esporádica. Maior incidência nos climas quentes e temperados. Ocorre em todo o orbe em todos os Estados do Brasil, principalmente nas regiões baixas. Ausente nos altiplanos de nossa hinterlândia.

Maior incidência nas estações mais quentes.

Suscetibilidade e imunidade. — Receptibilidade universal, se bem que os negros pareçam sofrer-lhe menos as conseqüências. Reinfecções repetidas conferem certo grau de relativa tolerância.

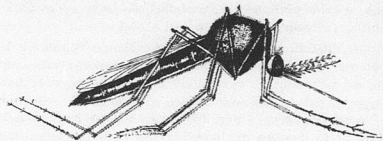
Bom estado de nutrição contribui para resistir melhor a infecção e facilitar a cura espontânea.

Extinção dos focos de mosquitos. Evitar águas paradas nas proximidades das casas, pois nelas vivem os mosquitos. O lambari, a piaba, o barrigudinho (em tupi — guaru-guaru, o que come muito, o comedor); alusão ao ventre volumoso e desproporcionado que tem o peixinho

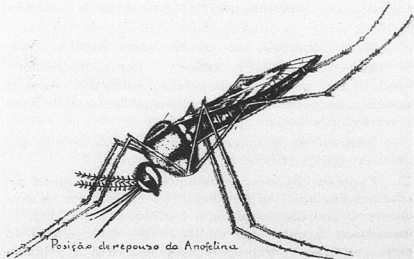
dêste nome, e outros peixes que se alimentam das larvas dos mosquitos, e bem assim o sapo, o morcêgo, patos, marrecos e outras aves.

Colocar nas janelas telas milimétricas de arame, usar cortinados.

Uso do petróleo (emulsão) nas águas paradas e do D.D.T. para combater as anofelinas em sua fase alada, dentro dos domicílios.



Posição de repouso da *Culexina*  
(pernilongo comum)



Posição de repouso da *Anofelina*

## PARA EXTINGUIR A DOENÇA

- 1.º — Evitar que as *anofelinas* piquem as pessoas sãs.
- 2.º — Extinguir os focos de mosquitos transmissores.
- 3.º — Evitar que os mosquitos se infetem, picando os doentes.
- 4.º — Proteger as pessoas sãs contra a picada dos mosquitos.
- 5.º — Educação profilática do público quanto ao modo de evitar a infecção e os meios de curá-la.

## A LUTA CONTRA O MOSQUITO

O combate ao mosquito tem por base a execução das seguintes medidas recomendadas pelo Serviço de Propaganda e Educação Sanitária:

- 1) Limpeza permanente dos quintais;
- 2) remoção de todos os recipientes (latas, garrafas, barris, etc). capazes de coletar água;
- 3) uso sistemático, uma ou duas vezes por semana, de querosene nos pequenos depósitos d'água, parada;
- 4) calafêto generalizado das caixas d'água, tornadas vedadas à prova de mosquitos;
- 5) criação nos açudes, piscinas, tanques, etc. de pequenos peixes devoradores de larvas.

## REMÉDIOS

No século XVII, havia a concepção de que a doença provinha de pecados; na era de Galeno, antigo médico grego, dominou a concepção dos humores estragados; com o descobrimento da quinina, — alcalóide vegetal, extraída da casca da quina (palavra peruana, Kina-Kina, — casca da casca),

remédio eficaz na cura das febres, surgiu nova era na história da medicina.

A matéria médica deve ao índio, como acontece com a quina, o conhecimento de grande número de vegetais que a ciência seleccionou e estudou posteriormente.

A civilização não é obra exclusiva desta ou daquela raça privilegiada, dêste ou daquele povo. Todos os povos das gerações passadas contribuíram com seu gênio e trabalho em benefício da civilização actual; os selvagens como os civilizados, nas suas experiências e descobertas, nivelam-se, — são benfeitores da humanidade.

A terapêutica medicamentosa, no dizer de Oscar Clark, é e será o maior acontecimento do século XX, pois dela dependem a felicidade dos homens e a força do Estado.

Todos os sais de quinina evitam e curam as febres. A atebrina e metoquina curam e evitam a malária. O medicamento mais usado actualmente é o Aralen, comprimidos. Administra-se durante 2 dias apenas. É eficaz e menos tóxico do que os outros medicamentos.

### O ROMANCE DA QUINA

Com referência à quina, transportemo-nos ao passado e escutemos Logan Clendening em "O Romance da Medicina".

"Achamo-nos em Lima, no Palácio do Vice-Rei e Governador Espanhol do Peru, em pleno ano de 1638.

O Conde de Cinchona, Governador e Vice-Rei por especial mercê de Sua Majestade Católica de Espanha, passeia de um para outro lado, no pátio do palácio real. Sua fisionomia revela tristeza e angústia. A jovem e formosa Condessa Ana, sua esposa, está gravemente enferma, quase à morte. O clima do país não lhe fez bem. Pareceu, a princípio, gozar boa saúde, mas, de repente, veio-lhe um acesso de tremores, suores e arrepios de frio, após o qual

ela ficou prostada sobre o leito, ardendo em febre e presa de constante agitação. Foi emagrecendo, definhando, e já não se via agora, em sua fisionomia esquelética, senão o espectro da primitiva beleza.

Os médicos e sacerdotes fizeram o que foi possível para salvá-la, mas, nenhuma melhora se tinha ainda verificado.

A última esperança era um curandeiro indígena, cuja vinda o Conde aguardava, impaciente. A Condessa possuía um criado indígena, que instara pela aplicação de um remédio dos nativos.

O Conde não tinha fé no que dizia o índio; deixou-se convencer, porém, quando o Corregedor de Loxa, seu amigo, revelou-lhe que o mesmo remédio fora aplicado, com êxito, em sua própria pessoa, um ano antes.

A sua presença veio um índio, cuja hierarquia se adivinhava pela imponência de seu arco-flexa.

— Disseram-me que conheceis certa mágica, capaz de matar o demônio da febre, — diz-lhe o Governador.

O índio aponta para o sul: — Meus pais e os pais de meus pais usaram sempre a casca da árvore sagrada da "quina", para conjurar o demônio do fogo.

Como aprendestes que ela dava resultado? — pergunta o Conde. — Meus pais viram leões comendo a casca da quina, quando se sentiam doentes, — replica o índio. Depois, os deuses fizeram a terra tremer por aqui (já faz longo tempo), e as árvores da quina tombaram, e sua casca coloriu as águas do lago. E quando aquêles que eram assaltados pelo demônio do fogo iam saciar a sede nesse lago, ficavam curados.

Nos gestos do índio há uma gravidade que inspira confiança.

Toma então a palavra um padre jesuíta, que veio em sua companhia: —

— Quereis dar a Sua Excelência um pouco dessa casca, para curar sua mulher enfêrma?

O olhar do índio se ilumina de súbito e pede favores ao Governador que o atende, isentando sua tribo da "mita" (trabalhos forçados nas minas).

O índio dá as costas, sai do palácio, atravessa a praça aquecida pelo sol — e volta algum tempo depois, trazendo vários potes de barro, em cada um dos quais há pequenas fatias da casca de certa árvore.

Conduzido à presença da Condessa, deposita os potes no chão e, em pé diante dêles, faz uma invocação ao sol. Derrama um pouco d'água sobre as cascas e agita a mistura durante algumas horas. Feito isso, pede aos criados que dêem a beber à Condessa o conteúdo de uma das vasilhas.

A jovem Condessa faz uma careta, ao sentir o amargo da mistura, enquanto o índio sorri gravemente. Ela precisará beber, de manhã e à noite, o conteúdo de um pote.

Ao dia seguinte, há grande agitação no palácio. Passara a hora em que a Condessa costumava ter os acessos febris, sem que o incômodo voltasse.

E, continuando a beber o extrato da casca da árvore sagrada, ao fim de uma semana já pode vir ao pátio e tomar uma refeição em companhia do marido".

Aí está a bela história do emprêgo da quina na cura da malária.

Os jesuítas fizeram comércio das cascas de quina, dando a êsse medicamento os nomes de "casca do jesuíta", "pó do jesuíta" ou "pó da Condessa", a ciência, por fim, deu-lhe o nome de "Cinchona calysaia" (significa "quina" nas línguas aimará e quéchua), em honra à Condessa Cinchona.

— Como farmacêutico guardo inolvidáveis recordações de minha vida profissional. Há anos, em companhia do abalizado higienista mineiro Dr. Hernani Agrícola, em

missão do Governo do Estado, debelamos um surto epidêmico de malária que assolava o município de Mesquita situado na bacia do Rio Doce.

A Estrada de Ferro Vitória a Minas até Itabira guarda a triste lembrança de sua construção, através de florestas dessa região, por ter custado a vida de muitos centos de trabalhadores mineiros, baianos e nordestinos, tantos quanto são os dormentes em tôda sua extensão, sucumbidos pela ação nefasta da malária. Socorremos muita gente, inclusive crianças de famílias de ciganos vindos de Coronel Fabriciano, Ana de Matos, e Ipatinga.

Como Inspetor de Ensino, anos depois, exerci o meu cargo nessa mesma região, onde visitei localidades infestadas por essa pestilência.

Em Januária, livre-me de um surto de malária, prevenindo-me com o uso de atebriina Bayer que me foi oferecida pelo prestimoso médico do Pôsto de Saúde, momentos após o meu desembarque no pôrto daquela cidade ribeirinha do São Francisco.

Na Vila de Guaicuí, município de Pirapora, na confluência do Rio das Velhas com o São Francisco, aonde cheguei depois de arriscada travessia em canoa furada, visitei, em serviço especial, a escola primária, cuja pobre professora tiritava com um acesso de malária.

Foi nessa localidade que o famoso bandeirante Fernando Dias Paes Leme, meu venerável ascendente, em 1681, apanhou essa febre que naquele tempo era chamada "carneiradas", vindo a falecer na Quinta do Sumidouro, atualmente, município de Pedro Leopoldo, onde já estive em serviço de inspeção escolar.

Ao trabalhar nas escolas junto das professoras e alunos, é meu costume ministrar conhecimentos práticos atinentes à proteção da saúde e da vida, encarecendo o valor dos socorros de urgência que visam a evitar acidentes, males súbitos e, às vêzes, a morte.

Com referência à malária, sempre tive a preocupação de fazer preleções aos professores e alunos de todos os estabelecimentos de ensino sobre o modo de evitar e curar esse flagelo da humanidade, com o propósito de realizarmos sua erradicação, reduzir a sua incidência e mortalidade nas áreas malarígenas do nosso Estado, como fazem todos os países que têm em alta valia o capital humano de seus cidadãos.

## ATUALIDADES

## Posse dos Novos Membros do Conselho Estadual de Educação

*Solenidade realizada em Palácio, perante o Governador do Estado —  
Conselheiros empossados — Discursos*

Tomaram posse, dia 28 de dezembro de 1962, em solenidade realizada às 18 horas, no salão nobre do Palácio da Liberdade, perante o Governador Magalhães Pinto, os novos membros do Conselho Estadual de Educação. São vinte e seis conhecidos educadores, escolhidos entre figuras da mais alta categoria nos três graus de ensino — primário, médio e superior — e que, sob a presidência do titular da pasta da Educação, prof. Faria Tavares, irão colaborar com o Executivo, na execução do seu grande plano educacional.

A solenidade, além do Governador do Estado, estiveram presentes o Secretário da Educação, outras altas autoridades, todos os membros do novo órgão e elementos de projeção em nossos círculos educacionais.

### SOLENIDADE DE POSSE

Após a leitura dos respectivos termos, pelo sr. Paulo Campos Guimarães, Chefe do Gabinete Civil do Governador do Estado, houve a assinatura de todos os membros do CEE e do sr. Magalhães Pinto, que os empossou.

O Chefe do Executivo Estadual discursou, a seguir, destacando o sentido do ato e fazendo uma análise de seu programa educacional. A oração do sr. Magalhães Pinto, na íntegra, vai publicada em outro local desta edição.

Em nome dos conselheiros, fez uso da palavra, por fim, o prof. Mário Casassanta. Agradeceu a escolha dos seus nomes para integrarem o importante órgão, exaltou o programa administrativo e educacional do sr. Magalhães Pinto e manifestou o propósito de todos os membros do Conselho de colaborar, ao máximo, com o Executivo, naquele setor. Afirmou, ainda, que o Conselho vai agir com absoluta unidade de pontos de vistas em torno do programa educacional.

## CONSELHEIROS

Integram o Conselho Estadual de Educação os seguintes membros:

Com mandato de três anos:

Professôres Edgard de Godói da Mata Machado, Mário Casasanta, Helena Antipoff; Padres Arlando Vilela e Luis Viegas de Carvalho; José Agvaldo de Araújo, Amaro Xisto de Queiroz e Eduardo Rios Neto.

Com mandato de dois anos:

Professôres Antônio Augusto de Mello Cançado, José Guerra Pinto Coelho, Bolivar Tinoco Mineiro, Emanuel Brandão Fontes, Antônio Benedito de Carvalho, Maria Carabetti França, Nazira Abi-Saber e Pedro Parafita de Bessa.

Com mandato de um ano:

Professôres Wilton Cardoso, José Mesquita de Carvalho, João Panisset, Samuel Rocha Barros, Agnelo Corrêa Viana, Jurema Dávila, Dauna Tavares, Jenner Procópio de Alvarenga e Henrique José Hargreaves.

## Guerino Casasanta

*Antônio Ribeiro de Avelar*

O desaparecimento do Professor Guerino Casasanta — como me dói o coração evocá-lo — representou sensível desfalque no patrimônio moral e cultural de Minas Gerais, tão fecunda e tão nobre foi a sua caminhada nos diversos rumos da existência.

Sem subestimar as suas outras virtudes — e elas eram tantas — permito-me ressaltar, de início, aquela que tanto o singularizava: a do equilíbrio. De fato, em tôda a sua vida portou-se como um homem sereno, discreto, generoso fidalgo.

Possuía bela cultura humanística, que corria parrelhas com a sua cultura pedagógica. Exerceu a cátedra, desde a quadra da adolescência, e lá, nas plagas aloiradas e enflorcidas do Sul de Minas, que sempre constituíram os seu dodóis, educou gerações e mais gerações, como professor e diretor de Ginásios e Escolas Normais da opulenta região.

A força do destino trouxe o saudoso metre para o convívio da nossa jovem linda metrópole e aqui se tresdobraram os triunfos de Guerino Casasanta que passou a ocupar setores do nosso conjunto educacional.

Professor do Instituto de Educação, do Colégio Estadual, Inspector Geral da Instrução, na inesquecível gestão do grande Secretário Noraldino Lima, não se sabe onde mais avultaram os seus serviços a Minas e ao Brasil, onde maiores foram os seus labores em favor do aprimoramento dos processos e dos métodos de educar.

Ocupou outros postos, foi publicista, e em tudo deixou o testemunho das suas qualidades de homem bom e cristão. Vernalista, dono de um estilo que condizia com o seu temperamento, a sua obra, numerosa e aplaudida, vale como uma afirmação do alto espírito de Minas, desta Minas soberana e eterna, que reside à fatalidade de um século de desgastes, que repele a investida de uma civilização agnóstica e encharcada de materialismo.

Homem do lar, fiel às doutrinas do Mestre, outra coisa não fez senão construir. E construiu muito, mas só construiu sob o comando do coração, daquele coração milionário que ele sabia ter, cujas dependências só havia lugar para o Amor e o Perdão.

No início da minha carreira, sem lastros culturais, nem alicerces nos conhecimentos da didática e nas lides da moderna pedagogia, ele foi um dos meus guias, assim como Noraldino Lima.

Por isso quero dedicar-lhe esta página e trazer às crianças e aos moços a evocação da sua memória, reverenciando, nesta comovia Saudade, um educador que soube ser Bom, e que nunca encontrou oportunidade para ser mau, porque era simples e sem vaidade e fazer o mal é privilégio dos ignorantes, dos mediocres, dos vaidosos e insensíveis.

Deus o abençoe, meu querido amigo e mestre.

## Um Apêlo ao Professor Mineiro

*Dunlaimo Praseres*

Não caiu em terreno sáfaro o apêlo que tive a satisfação de fazer ao professor mineiro no sentido de enviar a sua valiosa colaboração à "REVISTA DO ENSINO".

Os nossos colegas acolheram o apêlo com aquêle desejo de servir que tanto os caracteriza e tanto os recomenda à nossa estima... não obstante aquela monstruosa concordância (ou discordância, se quiserem), que escapou aos amoráveis homens da revisão: "Professor mineiro, esta Revista é sua. *Envie*, pois, a sua colaboração". Os homens da revisão são mais ou menos como aquêle "gato caluniado" que vi, certa vez, em uma página de revista. É o caso do cidadão que despertou alta noite ao detestável som de um violino pèssimamente tocado, e viu à luz fria do luar, no telhado vizinho, um gato que dormia tranqüilamente, e ao qual ameaçou com o punho fechado...

Como quer que seja, tudo indica que a partir do próximo número a Revista do Ensino poderá oferecer ao professor mineiro a valiosa colaboração do professor mineiro.



## Primeiro Congresso Interamericano de Esperanto

Deverá realizar-se em Belo Horizonte, em 1964 ou 1965, o Primeiro Congresso Interamericano de Esperanto.

No quadro deste congresso, estudantes e professores das Três Américas e, possivelmente, de outras partes do mundo, realizarão um encontro para estudo de determinados aspectos do problema lingüístico universal e para constatação do progresso já atingido pelo ESPERANTO.

O acontecimento será também uma grande oportunidade para confraternização, por meio de uma língua neutra.

Se você, leitor, é professor ou estudante, não perca a oportunidade que lhe oferece este encontro. Se não o é, não deixe, mesmo assim, de aderir ao congresso para adquirir o direito de participar de um completo programa de Arte, Cultura e Vida Social.

Excursões, banquetes, apresentação de filmes em e sobre ESPERANTO, apresentação de grupos folclóricos e outros itens de elevada significação cultural e social constituirão obrigatoriamente o programa.

Não importa que você ainda não tenha aprendido o ESPERANTO. Em um ano você poderá aprendê-lo.

Escreva imediatamente para a SOCIEDADE MINEIRA DE ESPERANTO (Rua Rio de Janeiro, 462, s/1.202, tel.: 4-7641 ou para Caixa Postal 801) para obter informações mais completas.

A data definitiva do congresso somente será marcada quando pelas repostas ou adesões, pudermos ter a certeza do seu êxito.

Cogita-se de estabelecer condições muito favoráveis para a participação de professores e estudantes.

A SOCIEDADE MINEIRA DE ESPERANTO espera a sua resposta.

Não demore. É URGENTE.

## Correspondência

Recebemos e agradecemos:

*El Sol* — Órgano de la Asociación de Maestros de Puerto Rico — Editado por Puerto Rico Advertising services para la Asociación de Maestros de Puerto Rico. Apartado 1088, Hato Rey — Puerto Rico.

*Bulletin du Bureau International d'Education* — 37 me Année — 1 er Trimestre 1963 — N.º 146 Palais. Wilson — Genève.

*Conférences Internationales de L'Instruction Publique* — Unesco B.L.E. Recommandations 1934-1960 — Publication n.º 221 — Genève.

*O Idealista* — Órgão independente do povo para o povo — Diretor-responsável: Horácio Paiva — Ano 1 — N.º 11 — Poços de Caldas.

*O Idealista* — Ano 1 — n.º 13 — Poços de Caldas.

*Banco Nacional de Minas Gerais* — Cumprimentos atenciosos à diretora da Revista do Ensino, enviados pelo Serviço de Relações Públicas.

*Letras da Província* — Casa de Cultura de Limeira. São Paulo — N.º 166 — Maio 1963.

*O Sertanejo* — Ano XXIV — N.ºs. 1 e 2 e 3 e 4 — Morada Nova de Minas.

Comunicamos às entidades relacionadas acima que foram anolados os respectivos endereços para ser enviada a Revista do Ensino, através do seu serviço de permuta.

Recebemos ainda e estamos enviando a Revista para:

*Cataguases*: Conêgo Geraldo Mendes Monteiro — Rua José de Almeida Kneipp s/n — Vila Teresa-Minas Gerais. Responde-mos à sua carta: 1.º — Quanto aos números anteriores estamos providenciando. 2.º — Aceitamos colaborações que estejam dentro dos padrões da Revista.

*Prof. Abigail Barros Oliveira* — G. Escolar Mons. José Paulino — Rua Adalberto Ferraz, n.º 516, Pouso Alegre. Minas Gerais. A assinatura é a partir do n.º 213.

*Madre Maria Luiza* — Escola Normal dos Santos Anjos — Av. Garibaldi, 170 — Juiz de Fora Minas Gerais. Assinatura a partir do n.º 213.

*Poté* — *Náyla Salomão Lúuar*, Inspetora Municipal. Grupo Esc. Cláudio Manoel — Na própria Revista a Sra. encontrará as informações pedidas.

*Maria Silva Salgado* — Patrocínio do Muriaé — Na capa da Revista a Sra. encontrará as informações sôbre assinatura.

*Helena Altamare Nardy Pena* — Bom Jardim de Minas — As separatas do Código podem ser procuradas na Secretaria de Educação.

*Edite de Moura Andrade* — Rua S. Sebastião, n.º 74 — Manhuaçu-Minas — Veja na Revista as condições de assinatura.

*Campanha* — “De pé no chão também se aprende a ler” — Natal, Rio Grande do Norte — Secretaria da Educação. Recebemos telegrama por intermédio da Estação do Rio, via Western. Segue por reembolso.

*Teresinha A. Pereira* — 7608, St. Charles Ave Apt 7 — New Orleans 18 — Louisiana — U.S.A. Agradecemos a deferência. Aqui também ao seu dispor.

## “In Memoriam”

Mário Casasanta morreu. O bom amigo, professor e diretor já não vive mais. “Revista do Ensino” abre aqui as suas páginas para uma homenagem póstuma, profundamente sentida, àquele que foi seu diretor e um dos seus construtores.

Mário Casasanta deixa uma irreparável lacuna mas deixa também um exemplo de realização profícua no campo da cultura, que não se apagará para as novas gerações. Deixa ainda a memória de um traço de bondade que o caracterizava e que se fixou na vida de muitos através de sábios conselhos que até lhes mudaram o roteiro. Aliava à cultura e à bondade a simplicidade e a serenidade.

Talvez não tenha sido inteiramente compreendido (quantos o são?) e muitos o entenderão melhor pela sua obra.

Trazemos ao leitor a palavra autorizada de alguns que o conheceram bem — é a homenagem que lhe podemos prestar, a coroa de rosas que “Revista do Ensino” lhe oferece — menos precíval que as rosas própria — mas ainda assim apenas palavras, àquele que foi um Mestre da Palavra.

*Elisabeth Vorcaro Horta*

## Mário Casasanta

*José de Magalhães Pinto*

A paisagem humana de Minas Gerais desfaleceu-se com a morte de Mário Casasanta. São todos os mineiros que o testemunham, nas manifestações com que o seu desaparecimento é prantado.

Feliz o homem que pode aliar à cultura a simplicidade e o desprendimento, traços que afirmam as personalidades realmente vigorosas e realizadas. Em Mário Casasanta, eles se associaram para compor a figura de mestre, de lidador do Direito, de político, mas também de um homem que se identificava, autenticamente, com os humildes e os necessitados. Nas cerimônias dos seus funerais, vimos confundirem-se, nos mesmos sentimentos de dor pela grande perda, o intelectual e o modesto operário, vultos das letras jurídicas e da vida pública e a gente humilde de vilas e de favelas. Foi a maior consagração que poderia receber, porque significava, ao mesmo tempo, tributo à inteligência e à bondade, à cultura e a um espírito cristão como os melhores que temos conhecido.

Estávamos certo, ao convocar o prof. Mário Casasanta para a Secretaria do Interior, de que homenageávamos todos os mineiros, de cujas características era bem uma síntese. Infelizmente, a morte não permitiu que sua presença entre os auxiliares do Governo se ostendesse além de três meses. Mas, foi o bastante para que pudéssemos renovar a admiração que o mestre e amigo sempre nos inspirara. Não sei de problema confiado à responsabilidade do Secretário do Interior, para o qual Mário Casa-

santa não trouxese o equacionamento mais lúcido e rigorosamente dentro dos imperativos da lei e da justiça. Sendo humano e bom, nunca sacrificava o interesse do Estado às conveniências do partidarismo e do personalismo.

Era apóstolo verdadeiro do bem comum.

A morte de homens como o meu dileto Secretário cria vazios, que nos deixam quase em perplexidade. Privados de valores de que a Pátria precisa hoje mais do que nunca para vencer as suas dificuldades, consolidar a sua vida institucional e encaminhar, afinal, os angustiantes problemas do povo. Os seus conselhos e o seu exemplo perduram, e é em vultos da estatura de Mário Casasanta que os homens com responsabilidades nos destinos do Brasil têm de buscar inspiração.

## Mário Casasanta

*José Guimarães Alves*

Escrever sobre Mário Casasanta em sua gestão como Diretor da Imprensa Oficial é, paradoxalmente, uma tarefa complexa e fácil. Complexa, porque a personalidade do Diretor não se enquadrava nos limites do exercício, pura e simples, do *munus do cargo*. Transbordava desses limites e se impunha, nos conselhos do Estado, como uma das vozes mais autênticas na interpretação dos fatos políticos de Minas e do Brasil. Adquiria, assim, a posição de liderança natural, obtida sem preocupações de hegemonia ou de vaidade. Fácil, porque, como Diretor, suas virtudes constituíam o motor de seus atos, mesmo aqueles considerados de rotina, a fonte inspiradora de suas atitudes no território das relações humanas, a orientadora de sua gestão administrativa, marcada sempre pelo civismo e pelo senso de responsabilidade.

A figura do Diretor Mário Casasanta não poderia, assim ficar reduzida ao que fez na Casa e para a Casa. E o que fez, está na lembrança de seus contemporâneos: engrandeceu a Imprensa Oficial como editora e impressora de tudo o que de melhor representava a inteligência mineira; corrigiu injustiças e reavivou no espírito dos servidores o sentido de bem-comum das tarefas de cada qual; soube prever para prover e, mais que isso, tornou-se querido e respeitado.

Já de si grande, ultrapassando a moldura, a personalidade do Diretor Mário Casasanta projetou-se como a de homem público por excelência:

Creio que nenhuma outra expressão definiria melhor Mário Casasanta do que essa: homem público. Não basta que a pessoa seja dotada de espírito público para merecê-la; não basta, ainda, que seja militante político ou ocupante de altos cargos públicos, eletivos ou de livre escolha dos mandatários, para fazer jus ao título.

Há no homem público um sentido mais amplo que envolve autenticidade, verdade, apêgo ao bem-comum, despreendimento, vocação de servir à coletividade, de ensinar pelo exemplo e pela palavra, acuidade de visão e capacidade de responder aos desafios históricos da época.

É o homem político na verdadeira acepção do termo, sem as limitações do partidarismo, imune às paixões e às exaltações de ocasião.

O Diretor Mário Casasanta foi um real homem público.

É certo que a História não pode ser reconstruída no condicional. Na análise do pretérito é, todavia, lícito indagar se o curso dos acontecimentos teria sido o mesmo sem as grandes presenças que os informaram.

Mário Casasanta moldou a história por onde quer que passou. Seu nome está ao abrigo das intempéries e fixou-se na memória das gerações. Dos contemporâneos aos pósteros, todos não de julgá-lo pelo que foi e pelo que fez. Na Imprensa Oficial como nos demais cargos e funções que exerceu, pela destinação de suas virtudes de homem e de cidadão, jamais fugiu ao dever, nem mesmo quando as forças já o abandonavam e as estrêlas lhe preparavam a escada luminosa de ascensão à glória e à paz eterna.

## Mário Casasanta

*Antônio Camilo de Faria Alvim*

É cedo para fixar o perfil de Mário Casasanta. Sua vida, sua obra, requerem estudo e meditação.

Sob a emoção do seu desaparecimento recente só podemos dar agora um testemunho impressionista do papel que êle desempenhou na vida intelectual de Minas, de 1924 aos nossos dias. Foi naquele ano que o conhecemos, na Faculdade de Direito, e passamos a desfrutar da sua amizade.

Mário era uma figura singular entre os estudantes. Mediano de estatura, o rosto redondo, pálido, não perdera ainda o ar de adolescente.

Pouco aparecia na Faculdade, retido por trabalhos quase o ano todo nas montanhas de Pouso Alegre, berço de tantos homens ilustres. Mas quando aparecia, era para bilhar no Centro Acadêmico, órgão estudantil que não tinha pretensões de salvar o Brasil e vivia de tertúlias literárias. Mário chegava, fazia um discurso vibrante ou uma conferência erudita, e depois de arrebatar nos exames os mais altos lauréis, regressava ao seu amado rincão do sul de Minas.

Sério estudioso, êle tinha a fama — merecida — de ter lido todos os livros, de conhecer tôdas as grandes filosofias e literaturas.

Colou grau em 24, numa turma de jovens que abriram largo caminho na vida pública: entre outros, o saudoso

Gabriel Passos, Gustavo Capanema, Abgar Renault e Francisco Negrão de Lima.

Naquele tempo não existia a Universidade de Minas Gerais, mas Belo Horizonte despontava para iniciativas fecundas nos domínios da cultura.

É de 1927 a fundação da Universidade, seguida pela reforma de ensino do Presidente Antônio Carlos, insigne estadista, cujo secretário do Interior e Educação, Francisco Campos, inteligência solar, de tendências renovadoras, exercia um verdadeiro fascínio sobre a juventude.

Foi uma felicidade para Minas a convocação de Mário Casasanta para um posto de Governor, em que pôde colaborar na implantação da reforma do ensino em nosso Estado.

Nomeado diretor da Instrução, pôs mãos à obra, ao lado de Campos, com fé e ardor; e enquanto o secretário era convocado para tarefas políticas — a Aliança Liberal, a Revolução — Casasanta assumia o comando da reforma.

Professor êle o era desde muito moço, das matérias mais diversas. Seu gosto inclinava-se naturalmente para as humanidades. Mário era antes de tudo um humanista, um espírito de raízes mediterrâneas, imbuído da noção de que "o homem é a medida de todas as cousas". Ora, dos estudos clássicos à pedagogia, não há mais que um passo; as províncias do saber não têm fronteiras.

Mário gostava de fazer as cousas bem feitas. Quando se debruçava sobre um assunto, não se contentava de tratá-lo pela rama; ia ao fundo.

Responsável pelo setor da educação, entregou-se de corpo e alma aos estudos pedagógicos.

O resultado foi o que se podia esperar: em dois tempos fêz-se pedagogo.

Além do dever de officio, dois diferentes motivos devem ter orientado a sua vocação de educador. Era pai de família, e já se disse que casa de pais é escola de filhos.

Patriota, acreditava no valor da educação para o progresso do Brasil.

A reforma assinalou uma época em Minas, deu-lhe uma primazia que não sabemos se ainda conserva.

Ao deixar suas funções na Secretaria, Casasanta foi Reitor da Universidade, em seguida, professor e fundador da Faculdade de Filosofia e por último Diretor do Instituto de Educação.

Em todos êses lugares, foi o homem certo.

Reitor, em dias difíceis, sua gestão foi comparável à de Mendes Pimentel.

Seja dito, de passagem, que persegue a Universidade uma espécie de mau fado (ou mau estatuto, digamos) que não permite aos Reitores darem a medida de suas qualidades.

A Universidade Mineira, confederação de faculdades autônomas, carece de unidade.

Passam os anos, Casasanta atinge a idade madura. Desdobra-se para manter o lar cheio de filhos: é advogado, jornalista e ainda e sempre professor.

Em concursos memoráveis, conquista no Colégio Estadual a cátedra de Carlos Góis e na Faculdade de Direito a de José Eduardo da Fonseca.

A lei do esquecimento vai caindo sobre êses dois mestres. Góis foi um excelente professor e escreveu apreciáveis estudos de gramática, hoje um tanto ou quanto superados. Não menos superado está o liberalismo *fin de siècle* de José Eduardo, discípulo de Rui, admirador dos constitucionalistas americanos e franceses da época.

Mas o que êle sobretudo exercia era um magistério sócrático. Diferente do olimpico Mendes Pimentel, não desdenhava de confraternizar com os alunos.

Nos passeios da Avenida ou nas mesas dos cafés, falava horas a fio, e era um prazer ouvir os epigramas, mais irônicos que sentimentais, que o mestre lançava sobre a vila e termo.

José Eduardo fez amigos entre os rapazes: Casasanta foi um deles.

Um professor de direito constitucional, versando as doutrinas do Estado, fica à mercê do demônio da política. Mas porque são professores, seu reino não é deste mundo, e perdem no lidar com as raposas dos partidos.

O professor, feliz em política, é avisá rara.

Tivemos o caso do Conselheiro Afonso Pena, mais político do que professor. Nos Estados Unidos, Wilson é uma notável exceção, na sua carreira da Universidade de Princeton à Casa Branca. Causa semelhante ocorreu aqui com Raul Soares, que Casasanta muito admirava. A carreira dos dois tem de comum os pontos de partida, os fortes conhecimentos da língua e do direito. Casasanta não chegou às culminâncias atingidas por Raul, cacique letrado da República velha.

Reservado, tímido mesmo, o nosso amigo sofreu as limitações do Estado e da República Novíssima que aí está.

Entretanto, seu 'alto' espírito público e seu grande saber levaram-no a exercer benéfica ação sobre o Govêrno, em várias administrações, como um consultor de bom aviso nas horas de incerteza.

Ultimamente, já no ocaso de seus dias, êle, que há trinta anos deveria ter sido ministro, assumiu por dever de honra a Secretaria do Interior.

A saúde e as forças já estavam combalidas, só a fé da mocidade permanecia inquebrantável.

ACEITOU o encargo para servir, que ambição de mando êle nunca teve.

Mas poderia dizer com Mont'Alverne: é tarde, e muito tarde.

## Mário Casasanta e a Assistência Técnica do Ensino

*Levindo Lambert*

Estávamos em 1929.

A reforma do ensino mineiro ensaiava os primeiros passos. Estruturada em lei, posta em regulamento, ia a pouco e pouco recebendo tom e colorido.

A Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, laboratório das idéias e práticas orientadoras da reforma, dava os seus primeiros frutos. Ótimos mas raros. Bons mas poucos.

Já a Capital do Estado se beneficiava das novas concepções de ensino: — cursos intensivos, conferências, palestras, tertúlias, boletins pedagógicos e a ação sistematizada dos novos orientadores técnicos, imprimiam de fato uma renovação integral nas práticas e na didática do ensino, sob o influxo de uma filosofia de educação compatível com nossas tradições e possibilidades.

Foi quando Mário Casasanta, a quem Francisco Campos confiara a Inspeção Geral da Instrução, órgão destinado a supervisionar o ensino no Estado, entendeu dar amplitude e ênfase à execução da reforma.

Vigente na Capital, permanecia, no entanto, o interior do Estado impermeável à denominada Escola Ativa. Um ou outro grupo Escolar do *hinterland* empunhava, é certo, a bandeira da renovação, graças não só às divulgações da REVISTA DO ENSINO, que Mário Casasanta transformara em mensageiro das idéias e das técnicas modernas

de aprendizagem, como, por igual, ao idealismo de inspetores regionais, diretores e professores abnegados e competentes.

Mas, na realidade, a vastidão impérvia do interior do Estado cristalizava-se na rotina ou na indiferença, surda aos reclamos da nova ordem, alheia à intensa movimentação que se processava nos domínios da cultura pedagógica entre nós.

Deliberou então Mário Casasanta agitar as escolas da província. Abriu concurso para a seleção de Assistêntes Técnicos de Ensino, incumbidos de levar às comunas mineiras a palavra e a ação da reforma Francisco Campos. Cerca de seis dezenas de candidatos concorreram às provas, delas saindo classificados dezenove: Abel Fagundes, Aderbal Alvarenga, Aimoré Dutra, Duntalmo Prazeres, Emanuel Brandão Fontes, Jair Guimarães de Paula, João Resende da Costa, José Albano de Moraes, José Américo da Costa, José Emídio de Lima, José Maria Paradas, José Raimundo Neto, Levindo Furquim Lambert, Luiz de Pádua Duca, Oscar Artur Guimarães, Otilio Gonçalves, Rafael Grisí, Salvador Pires Pontes e Zembla Soares de Sá.

Em seguida, organizou Mário Casasanta curso intensivo na Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, visando a dar a êsses moços as características essenciais da reforma do ensino e os conhecimentos também essenciais da moderna técnica pedagógica. A êsse grupo juntaram-se os veteranos João Batista Santiago e Mário Francia Pinto.

Durante três meses de trabalho diuturno, sob a orientação direta e pessoal do eminente Inspetor Geral da Instrução, os professores Firmino Costa, Amélia Monteiro de Castro, Benedita Valadares Ribeiro, Edgar Renaut Coelho, Lúcia Monteiro de Castro e Renato Eloi de Andrade, constituíram o colégio pedagógico destinado a preparar os missionários da reforma e da escola nova. Cabia aos novos Assistêntes Técnicos de Ensino a tarefa centrifugante de levar a todos os rincões de Minas Gerais a renovação dos

costumes escolares e implantar, definitivamente, na escola mineira a teoria e a prática da pedagogia moderna.

E isso foi feito. Aquêles vinte e um pioneiros percorreram palmo-a-palmo o território montanhês, embebidos da Fé e do Ideal que Mário Casasanta lhes aticara no espírito. Além de uma preparação psico-pedagógica capaz de instruir e convencer, levavam consigo a força do ideal, a fé que controla, a convicção da verdade, a certeza do bom roteiro.

Os anais da escola mineira não de registrar um dia, sem a menor dúvida, os passos e a obra realizada por êsse pugilo de bravos, portadores da semente que a educação e a cultura lhes impunha semear. Deve-lhe o professorado mineiro o despertar de energias novas, o incentivo para o aperfeiçoamento de métodos e processos de ensino, a aquisição de instrumentos de civilização e cultura, e sobretudo, o estímulo e a emulação no sentido do emprêgo e do apuro de técnicas modernas e de orientação nova.

E Minas Gerais agradecida há de reconhecer por certo em Mário Casasanta o realizador incansável, o sonhador e o idealista, aquêles que, com Francisco Campos, deu à civilização brasileira a mais avançada organização educacional de todos os tempos.



## Mário Casasanta

*José Guerra P. Coelho*

A personalidade privilegiada e singular de Mário Casasanta, nos dias dolorosos, que se seguiram ao seu desaparecimento ainda tão recente, foi apreciada e enaltecida, de inúmeras formas, por todos quantos a focalizavam nos seus múltiplos e riquíssimos aspetos.

É imenso, realmente, o vazio por êle deixado no panorama cultural de Minas e do Brasil. Como jurista eminente, como literato e primoroso cultor da nossa língua, como historiador e sociólogo, como político e, principalmente, como educador, Mário Casasanta soube atingir uma posição ímpar em nosso meio.

A sua cultura tão vasta, tão profunda, tão brilhante e, ao mesmo tempo, tão versátil era, sem dúvida, um patrimônio legítimo e dos mais preciosos da gente mineira.

Para nós, entretanto, o que mais impressionava na sua figura extraordinária e querida de mestre e de amigo era um traço muito peculiar que, talvez, mereça ser, ainda, devidamente ressaltado: a serenidade, o equilíbrio admiráveis que nêle transpareciam como uma constante do seu caráter e do seu trato, e em tôdas as ocasiões, mesmo as mais difíceis e prementes. Foi, sempre, e antes de tudo, o homem sereno, o homem tranqüilo, o homem equilibrado, de juízos invariavelmente retos e seguros, de emoções controladas, comedido até nos gestos e no tom da voz, e que exercia, por isso, em tôrno de si, uma espécie de ação catalítica, apaziguadora de consciências e de corações.

Nêle, o brilho da inteligência, a vastidão e profundidade da cultura, o estudo contínuo e exaustivo de todos os dias e de tôdas as horas, as vicissitudes e entrechoques da vida, não fizeram o que em muitos costumam fazer: abalar a trama psicológica mais íntima e mais fundamental do seu ser, os alicerces de uma educação sólida e eminentemente cristã, que veio do recesso de um lar abençoado e se afirmou, pela vida afora, em todo o seu magnífico esplendor.

Coube-nos o privilégio, que está, no entanto, acima das nossas forças, de trazer, neste número da Revista do Ensino, a homenagem do Colégio Estadual de Minas Gerais à memória insigne de Mário Casasanta.

O Colégio Estadual o teve como membro ilustre da sua Congregação e reverencia por isso, neste ensejo, o seu nome inesquecível. Ainda está, na lembrança de cada um, a vitória, que lhe valeu a cátedra, em um concurso que marcou época, valorizado ainda mais pelo prestígio e cultura dos outros candidatos.

Durante muitos anos, o mestre incomparável emprestou ao grande e tradicional educandário mineiro a segurança da sua cultura e o fulgor dos seus ensinamentos.

Mesmo quando dêle teve de se afastar, para exercer o magistério em outros setores, nunca o deixou espiritualmente: foi, sempre, o amigo constante e dedicado, o conselheiro esclarecido e interessado dos seus dirigentes, e defensor entusiástico das suas glórias e tradições.

No Colégio Estadual, Mário Casasanta é um nome imperecível. A sua presença nunca se extinguirá: será sempre viva e atuante como uma luz, um estímulo, um penhor de novas vitórias.

## Mário Casasanta

*Aires da Mata Machado Filho*

A escrever agora, tem de ser sobre Mário Casasanta. Como, se as palavras são palavras? E para quê? Por que razão? Afinal, a homenagem triste, única ao alcance de quem fica, inicia a consagração à memória querida.

Sem um queixume, partiu para sempre. Cinco meses de dores lancinantes, sem quebra da resignação cristã. "A dor é tremenda. Eu não sei o que Deus quer de mim..."

Quando o coração baqueou, alguém lhe falou nos cuidados espirituais. "Estou em estado de graça. Posso morrer sossegado. Para que incomodar o padre?" Ocupado sempre com os outros, detestava dar incômodo por sua causa. De manhã cedo, antes do fim, que foi às sete e meia, o vigário da paróquia trouxe o Viático.

Por temperamento e formação não se inclinava ao misticismo o ensaísta que dedicou a São Francisco de Assis um trabalho de beleza franciscana e a São Pedro, a mais humana das figuras da Paixão, bela página que antecipou um dos livros que projetava. Sólida a fé em que morreu; em que viveu e sofreu.

Educado sob a orientação dos santos bispos D. Otávio Chagas de Miranda e D. Lafaiete Libânio, habituou-se a procurar saber, para interpretar e seguir, o pensamento da Igreja sobre quantos assuntos estudasse. Co-autor da reforma Francisco Campos, soube infiltrar-lhe no confinado naturalismo pedagógico a dimensão cristã que lhe faltava. Muito mais que formosa página literária "A pedagogia de

Jesus" encerrava a diretriz de autenticidade, suavemente oferecida às mestras mineiras que, na Escola de Aperfeiçoamento, elaboravam os ideais renovadores. Uma delas, professora Anita Fonsêca, chamou a atenção para esse ponto, no último instante em que esteve conosco o corpo dele.

O espírito, este, permanecerá na força comunitária da Comunhão dos Santos, como na lembrança que o coração conservará. Continuará ensinando, guiando, advertindo.

"Foi a cultura gramatical que me levou à cultura jurídica." Daqui o relacionamento da linguística com o Direito. Não se causava de frisá-lo, da mesma forma que insistia em que há de estudar-se a língua, adentro do conjunto que formam as ciências do homem. O erudito que antes se comprazia na minúcia das glosas que na generalidade dos panoramas, viu claro para mostrar pelo exemplo pessoal que o filólogo é um homem de bom gosto literário, que igualmente se interessa pela história nacional e pela história portuguesa, onde a nossa principia, por todos os aspectos da realidade brasileira.

Frases e vocábulos, exaustivamente perquiridos, rebrilham transfiguradamente como objeto de arte, na harmônica criação de escritor brasileiro ou português, antigo ou contemporâneo. E como o compreender cabalmente, sem o situar na época, com suas idéias dominantes; sem o inserir na obra, com sua individualidade inconfundível, e no conspecto das letras universais, através da influência de personalidades fundamentalmente criadoras? Os alunos que o confirmem, na recordação de aulas inesquecíveis, freqüentemente ampliadas e ainda enriquecidas, em conversações que não voltam mais... A publicação dos textos anotados dariam idéia da contribuição mais pessoal do professor de português, que lecionou a nossa língua por mais de quarenta anos.

Nos estudos literários, prevaleceu o machadiano. No silêncio hostil destas montanhas, muito antes de qualquer outro crítico, reivindicou a humana autenticidade para o criador de Capitu, falsamente apresentado como alheio à

vida, na sua manifestação política e social. Foi preciso que, muitos anos volvidos, a probidade exemplar de Raimundo Magalhães Júnior, lhe reconhecesse a prioridade. Nem por isso deixou de notar aspectos que escaparam aos próprios mestres consagrados, em obras como as de Alencar, Vieira, Camilo, Gonzaga, Joaquim Manuel de Macedo.

Nem tudo isso se acha nos poucos livros que logrou publicar. Encontra-se em milhares de artigos e ensaios, prodigamente disseminados pela imprensa. Se houvesse em Minas real interesse pela cultura, seria o caso de reunir em volumes todo esse tesouro disperso, como já propôs, na Assembléia Legislativa, o deputado Reny Rabêlo e depois foi lembrado na Academia Mineira de Letras pelo escritor João Camilo de Oliveira Tôrres.

A curiosidade múltipla, mostra de amor à cultura pela cultura, além de exigência de estudos em curso para obras entressonhadas, explica o estranho de certas aquisições para a biblioteca enorme, com cerca de quarenta mil volumes. E agora, que vai ser desses livros? E são reflexos da quotidiana alegria!... Proporcionaram ao "leitor de boa casta" o mais completo prazer da sua vida. Trazem o vinco dos seus dedos, a dobra da sua angústia, o sinal da sua ansiedade, e o alvoroço, e a surpresa, e o júbilo de subtâneos descobrimentos, ignorada recompensa do estudioso de tôdas as horas, entre livros dia e noite, noite e dia. E como são pessoais! Retratos fiéis de Mário Casasanta, na escolha, na arrumação, no jeito de ficarem sobre a mesa do seu cantinho preferido.

Pelo amor de Deus, não deixem dispersar-se essa biblioteca! Seria outra morte do amigo, a nos ferir a sensibilidade machucada. Para a publicação da obra esgotada e dispersa, nada proponho, que já desanimei. Quanto à biblioteca, apresenta confiadamente uma sugestão. Há para quem apelar, a sua muito amada Faculdade de Direito, que bem pode adquirir, para estudo e exemplo das gerações sucessivas, essa fotografia perfeita do grande professor, esse retrato do estudante, que ele sempre foi. Com a palavra

o professor Alberto Deodato, que autorizadamente interpreta o genuíno espírito da Casa de Afonso Pena, a mais universitária das nossas escolas superiores.

Os cargos que Mário Casasanta exerceu no magistério e na advocacia, sempre os conquistou por tê-lo merecido. As funções administrativas, de Inspetor-Geral da Instrução e Secretaria do Interior, outros tantos encargos aos ombros do trabalhador prodigioso, nunca os pleiteou, muito menos os pediu. Só quando adoeceu para morrer, chamaram-no para o mais alto posto, pois circunstâncias fortuitas reuniram dois homens que não temem a escolha dos melhores. E todavia, tinha de sobra aptidões e merecimentos para ocupar, por mais de uma vez, mais de uma pasta de secretário ou ministro.

Aproximadamente, em descosido esboço, eis o que foi e como foi este Mário Casasanta, eis o que fez e o que deveria ter feito pelo Brasil, se a ingratidão e a injustiça não constituíssem regra.

Quanto a mim, perdi um irmão, um amigo, o amigo único a confiar inteiramente neste que não inspira confiança. Abandonado assim, que poderia escrever?...

(Transcrito de "O Diário")

## Minas e os Mineiros na Obra de Mário Casasanta

Wilton Cardoso

Se eu tivesse de escrever sobre Mário Casasanta, agora que a mágoa de o ver morto vai cedendo ao imperativo de meditar a respeito do que fez e do que foi, o meu ensaio bem poderia levar por título uma paráfrase do que constitui o seu primeiro e revelador estudo sobre o romancista de *Dom Casmurro*. Com efeito, *Minas e os mineiros na obra de Machado de Assis* (Os Amigos do Livro, Belo Horizonte, 1932) não é apenas um dos testemunhos da sua apaixonada devoção ao maior escritor da língua, nem lhe atesta unicamente a acuidade crítica, já então divergente da lição que propunha o mestre como um espírito alheio ao meio em que vivia e de certo modo segregado dos problemas que a todos angustiavam. Se é verdade que a devoção o conduzira ao ídolo, cuja mensagem começava a interpretar seguramente, numa antecipação da reforma crítica que viria a seguir, não é menos certo que o tema da presença de Minas e dos mineiros na obra do romancista denunciava uma das mais caras preocupações do seu espírito.

É o caso que Mário Casasanta foi antes de tudo um mineiro — um dos mais apaixonados filhos destas terras de Minas. Os que o trataram de perto, ou fôsse nos encontros diários ou através dos escritos, que na imprensa costumavam ser também diários, sabem o que para ele significava qualquer coisa que se ligasse à sua Minas Gerais. Revolvendo-lhe o passado, estudando o caráter de sua gente, cultuando

os seus homens e, sobretudo, vivendo aquelas virtudes que tanto admirava como características do homem da montanha, dir-se-ia que procurava vingar-se daquilo que o escritor de sua preferência chamara uma vez o equívoco do nascimento e que, fazendo-o filho de imigrantes, lhe atenuava, na conformação étnica, o lastro de mineirice de que tanto se orgulhava. Creio não errar, afirmando que, no plano intelectual, chegou mesmo a idealizar uma espécie de brasão de mineiridade, dentro do qual se movia aristocraticamente, resguardando as suas heranças mais diletas: seu estilo, por exemplo, traía uns toques de velha nobreza, toda a vez que se referia à “nossa província” ou à “nossa grei”, ou contemplava um conterrâneo ilustre com a expressão “mineiro de boa cepa”.

Dessa mineirice sobram exemplos em todos os caminhos que perlustrou. Antigo dirigente da instrução no Estado, onde levou a efeito a Reforma Campos do ensino primário, com a conseqüente estruturação do adestramento dos professores, diretor da Imprensa Oficial e da Caixa Econômica, detentor de um punhado de cátedras no ensino médio e superior, Reitor da Universidade e Secretário de Estado, em toda a sua atividade procedeu com o gosto da coisa pública e o orgulho da terra, que via típicos em nossa gente. Polido e bom, meio tocado do tédio à controvérsia que surpreendeu nas personagens do seu escritor predileto, não hesitava em erguer a lança em desafio aos que, numa hora de paixão, se insurgiam contra o santuário de seu culto: o livro *As razões de Minas*, escrito com o intuito de explicar a posição da província em face da Revolução Constitucionalista de 1932, é bem o testemunho desse aspecto de sua mineiridade.

O que, todavia, aqui importa observar não é a conformação geral do homem de Minas, que Mário Casasanta sempre resguardou e facilmente se desprende de sua vida, mas o traço que dela decorre e se imprime nas razões que o moviam como mineiro ante os temas e objetos que preocupavam o seu espírito.

Veja-se, por exemplo, o seu primeiro ensaio machadiano. Seria, com efeito, preciso ter muito agudo o sentimento da província para que o ensaísta se aproximasse do autor de *Quincas Borba* e o interrogasse a respeito do que pensava de Minas e dos mineiros: em primeiro lugar, porque, sabidamente, a riqueza que nos revela o romancista brasileiro é de outra natureza — a dos desvãos do mundo interior; em segundo lugar, porque a crítica, seduzida por tal exclusivismo, tinha até então por certo que o romance de Machado de Assis não comportava registros acerca de uma determinada terra ou de uma determinada gente.

Muito de propósito, acabo de aludir a *Quincas Borba*. Conquanto Mário, no seu estudo, tivesse revolido as crônicas, os contos e os demais romances de Machado de Assis, num propósito de total recenseamento do que se referisse a homens e coisas de Minas, foi na dolorosa história de Rubião que encontrou mais farto material para a sua pesquisa.

Minas Gerais, segundo o ensaísta, não é apenas a terra dos diamantes, do café e do bom queijo, dos fazendeiros e boiadeiros, das fontes de água mineral e das mais altas montanhas do Brasil — e tudo isso se lê em Machado de Assis —, mas, sobretudo, a pátria que, aos seus bons ares naturais, junta a plácida fisionomia de nação tranqüila — e também isso se depreende dos livros do maior escritor nacional. Sua gente, laboriosa e econômica, caracteriza-se pela temperança e simpatia humana e é constituída de homens singelos e sinceros, cujas virtudes, por isso mesmo, “são as virtudes comuns — o cotidiano, o ordinário, o vulgar, o lastro por assim dizer substancial e característico de nossa gente.” Daí a bondade ou, por dizer melhor, a credulidade e boa-fé, que são o apanágio dos montanheses e não desdizem da sua tradição de polidez e hospitalidade.

Não foi à toa, consoante ainda o ensaísta, que Machado de Assis fêz do desgraçado professor de Barbacena um dos muitos filhos de Minas que em sua obra abriga. “Escolhendo-o entre os mineiros, Machado de Assis teve

decerto o propósito e agiu decerto na convicção de que só em Minas poderia encontrar o tipo singular de boa-fé, credulidade e singeleza, em cujas mãos deveria entregar a tarefa de ser enganado, ludibriado, explorado.” Páginas adiante, voltará à mesma idéia. “Eu disse que Rubião simboliza a humanidade mineira, não obstante a sua fraqueza, o seu fracasso e a sua loucura. E repito: Rubião simboliza o que há de melhor entre os mineiros, simples, modestos, sóbrios, serenos, a arrastarem uma vida desambiciosa e satisfeita.”

Dêse ponto parte Mário Casasanta para a interpretação de *Quincas Borba*, símbolo da alma mineira como D. Quixote o é da espanhola. A tal propósito, o paralelo que traça entre o romance do inopinado herdeiro do filósofo, e o do aloucado cavaleiro manchego é das mais luminosas páginas da crítica machadiana.

Convenhamos, todavia, que há, nesse estudo, um aspecto que incita à discussão. Efetivamente, os afeiçoados à leitura do romancista hão de ter notado que o Rubião de Machado de Assis como que se transfigura nas mãos do crítico Mário Casasanta. A razão é óbvia. Fixando-o através dos traços característicos da gente de Minas, cujas qualidades apenas ilustra, o exegeta podou-lhe todas as fraquezas de bicho da terra, ante as quais não recuara o romancista, para tãc somente lhe realçar as virtudes que iam tão bem com o conceito que fazia dos homens de sua província. Daí as proporções de herói, pois, apesar de vencido, Rubião é, segundo o crítico, em todo o romance, “a criatura superior: os demais rastejam em camadas inferiores de moralidade, por mais fortes que se hajam mostrado na luta pela vida.” Mas não é só isso. “Rubião é a única criatura inquietada do livro, com vida interior intensa, com a cabeça cheia de altos projetos, com o coração cheio de bons sentimentos.”

Não é de estranhar, pois, que, sob o signo de uma crítica mineira, Mário, ao recolher a lição do romance, tenha invertido os termos da proposição machadiana, preferi-

rindo à vitória nietzschiana de Quincas Borba a vitória pelo sacrifício de Rubião. "Machado de Assis deu-nos o retrato de um homem, que simboliza um povo, e uma filosofia, que traduz a tendência da Montanha contra o Litoral: esse homem é Rubião, esse povo — o mineiro, e essa filosofia consiste senão na despreocupação dos bens materiais, que nêle culminou, ao menos na preocupação precípua com os bens espirituais. Nem só de pão vive o homem, acha-se dito nos livros sagrados. O homem não pode calcar os outros homens: deve repartir com eles o bem e compartilhar com eles dos sacrifícios. Se duas tribos famintas encontram um campo de batatas, tão minguaado que não as possa alimentar a uma e outra, a solução não está na guerra: está na repartição das batatas, equitativamente, e na plantação de batatas suficientes. A vitória, sem escrúpulo, nem escolha dos meios, não é vitória: é crime, com os males materiais e espirituais de todos os crimes. Rubião não pensou assim, mas agiu assim. Quincas Borba, o que veio do Litoral, convenceu, mas não converteu a Rubião, o que desceu da Montanha..."

Se toda a crítica é um ato de recriação e se, no consenso de todos, a obra de arte participa de uma vida que transcende os limites fixados pelo autor, desdobrando-se ou enriquecendo-se ao passo que se torna objeto de estudo, aí fica o que se poderia tomar como a perspectiva mineira do famoso romance machadiano, perspectiva que, pelo visto, só poderia ser uma contribuição de Mário Casasanta.

Não se circunscribe, porém, à obra de Machado de Assis o mineirismo crítico do autor de *S. Francisco de Assis e as aves do céu*. Estou a lembrar-me, por exemplo, do seu formoso opúsculo *Júlio Ribeiro e Maximino Maciel* (Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, Rio, 1946), cuja evocação vem muito a propósito.

O autor da *Gramática Descritiva*, no "Breve retrospecto sobre o ensino da Língua Portuguesa", que após a obra, ao compendiar a evolução da gramatografia entre nós, contemplara a Júlio Ribeiro com uma série de juízos

que, se não raíam totalmente pela injustiça, ao menos denunciavam indisfarçável antipatia ou má vontade. Como se sabe, a *Gramática Portuguesa*, da autoria do mineiro de Sabará, tem a seu favor um mérito que nenhum crítico ousaria negar-lhe, sobretudo, como é o caso, se se tratasse de estabelecer a história dos estudos da disciplina em nosso meio: foi, efetivamente, a primeira que se publicou, com base nos estudos filológicos de autores franceses, ingleses e alemães, os quais davam nova orientação à ciência, e que, servindo de modelo às que vieram depois, não só marcou época como traçou rumo de escola. Quaisquer que sejam as restrições que hoje se possam fazer à obra filológica de Júlio Ribeiro, é certo que se lhe há de creditar um saldo só comparável ao que desfrutou a de Adolfo Coelho, em Portugal.

Não pensava exatamente assim Maximino Maciel, não obstante a sua condição de excelente gramático o credenciar a um julgamento exato da obra do confrade. Opôs-lhe restrições em todos os pontos, quer de doutrina, quer de método, e o seu mesmo sentido reformador não lhe pareceu valer mais do que a conclusão de que "se apressurou o Sr. Júlio Ribeiro a de chôfre quebrar a rotina, fôsse como fôsse, embora ainda não houvesse assimilado o quanto lera nos filólogos estrangeiros."

A defesa do gramático mineiro encontrou, todavia, em Mário Casasanta o patrono reclamado. Do tendencioso julgamento do sergipano não ficou, com efeito, palavra sobre palavra, e — o que é mais — nos seus embargos já não se viam as afirmações vagas e palavras soltas da primitiva sentença, senão que tudo aparecia minuciosamente analisado e documentadamente comprovado. "Apenas três parágrafos — escreve Mário —, e, todavia, quanto ao conteúdo, um mundo de contradições e erros, e, quanto à forma, preciosismos, impropriedades, atrevimentos de regência, senão erros. Tal juiz, com tal processo de escrever, pode bem ter uma tábua de valores para aferição de estilos, que não seja a comum..."

O tendencioso julgamento do sergipano em face da obra do autor mineiro — eis o que, ferindo de algum modo a Minas, irritara profundamente a Mário, a ponto de o arrastar do seu contido cavalheirismo para a arena em que tão mal se aplicavam a sua finura e polidez. Não invento uma palavra. O último capítulo de seu trabalho intitula-se precisamente "O dever dos mineiros", e aí se pode ler: "O processo do renovador dos estudos da língua, do panfletário, do jornalista, do romancista, do artista, do preclaro sabedor e manejador do idioma, tem que ser revisto, porque iníqua por vèzes a sentença que se lhe lavrou sobre a obra. Aos mineiros, sobretudo, porque homens de sua provincia, compete êste esforço de compreensão; para que a sentença não passe em julgado, e, nesse sentido, impõe-se um exame dessa vida e dessa obra, não para atribuir-lhe falsos valores, mas para restituir-lhe o que lhe pertence e de que o querem esbulhar."

Julgo não errar supondo que foi êsse mesmo zelo dos homens e das coisas de Minas que conduziu Mário Casasanta à elaboração do original estudo *Notas de Raul Soares à Gramática de João Ribeiro* (Livraria Paulo Bluhm, Belo Horizonte, 1941). Aqui certamente a atmosfera é outra, diferente dos ares polêmicos que marcaram o encontro Júlio Ribeiro — Maximino Maciel. Contudo, ainda uma vez se opunham, no seu trabalho, o geralista, nascido na provincia, e o sergipano, radicado na Côte.

Como espirito de boa casta, Mário sabia selecionar a humanidade letrada que lhe servia de guia. Por isso mesmo, nunca escondeu a sua afeição a João Ribeiro, criatura inteligentíssima e escritor cristalino, conforme a seu respeito se pronunciou mais de uma vez. Quanto a Raul Soares, devolvido a Minas pela política, era apenas uma tradição mineira em Campinas, quando lá chegara nas primeiras lides do magistério. Que não havia de significar para o jovem professor essa presença de Minas em terras paulistas? "Lastimava-se a perda do mestre, e, sobretudo, lastimavam-na os mineiros, que de algum modo açambar-

cavam o ensino de Português, Latim e Literatura nas escolas paulistas. Silvío de Almeida, Eduardo Carlos Pereira, Luís Antônio, Américo de Moura, Basílio Magalhães, Heráclito Vioti, José Bento de Assis, Eduardo Chaves, Eduardo Badaró e tantos outros — não viam bem que lhes abrisse um vazio nas fileiras exatamente aquêl que trazia na testa a estrêla de um grande destino." Eis porque, no espirito de Mário Casasanta, as notas de Raul Soares a João Ribeiro cresciam de vulto: eram, sobretudo, notas de um mineiro a um grande brasileiro.

A esta altura, não se há de estranhar que o último trabalho publicado por Mário Casasanta tenha ainda por motivo um tema mineiro. Trata-se de *Três mestres de Minas Gerais* (Centro Regional de Pesquisas Educacionais, Belo Horizonte, 1962), e sua tese não deixa dúvidas: "O que me proponho referir-vos é que, se os mestres de todos os tempos se colocam na linha de frente do grande préstito humano, e o próprio Jesus aceitou o título de Mestre que a pesteridade transformou em Divino Mestre, os professores mineiros não têm desenvolvido menor esforço para que a humanidade em geral, e a nossa gente em particular, se eleve a um nível superior de verdade, de compreensão e de justiça."

Quem dizer escrevia era um mineiro e um mestre. Devo agora isso que faz falta ao Conselho Estadual de Educação?

## Mário Casasanta

Martins de Oliveira

No poema com que buscara celebrar a morte de Mário de Andrade, escreveu Carlos Drummond — *Agora percebemos que estamos amputados e frios*. Em verdade, a nossa Casa está vazia, inteiramente vazia da figura humana que por muitos e muitos anos a enobrecera com a sua presença. A sensação de vácuo enche-nos de amargor, forçando o pensamento a perguntas e mais perguntas, as quais apenas encontram a soturna resposta do poema de Edgar Pöe — *Never More*. Quando terá Minas Gerais um outro Mário Casasanta com a imensa riqueza de sua ternura, de sua bondade, de sua inteligência e de sua cultura? Homens brilhantes, superiormente dotados em dons do espírito, sempre os houve, e haverá sempre. Há que distinguir, porém, entre os valores supremos, os que se assinalam pela marca inconfundível da personalidade. A escala é por isso mesmo imensa, e imensa a variedade de tipos. Assim, para que se possa medir com exatidão determinado ponto, há que admitir o critério da exponencialidade. A cordilheira da inteligência humana sempre apresentou, em todos os tempos, cumes que se cobrem de neve e se escondem, por isso mesmo, à percepção comum. Claro que os tôpos altíssimos seriam os do gênio, e o mais alto de todos, inalcançado e inalcançável, segundo a célebre escala de Benedikt, seria o CRISTO. Em Mário Casasanta o grau iria a altitude incomum, em tipicidade rara até diria raríssima. É que aos dons excepcionais de percepção dos homens e das coisas, sabia aliar uma espantosa capacidade divinatória de conclusões per-

feitas na atividade mental. A sua atitude humana era e da seriedade, misto de lealdade e prudência. Lealdade contemplativa, generosa, limpa, lealdade que nunca, em momento algum, se deixou endoar pelo veneno da perfídia, pela tocia da omissão intencional, ou pela cilada da predominância. Ao lado das prendas de artista, que sabia vaziar em vernáculo de lei as manifestações da alma, surgia a admirável condição de amigo, da do tipo de que fala Cícero em *De Amicitia Dialogus*, capítulo III, no elogio de Cipião. Poderia ter tido, vez por outra, arrebatamentos, expansões momentâneas de angústia, ou cólera, ou desencanto. Ainda assim, as lágrimas íntimas, em arrependimento, lavariam as cinzas da inconformação, ou banhariam as cicatrizes da injustiça. É que não iria jamais, ao ódio, no culto do desprezo. O barro humano está em cada um de nós, mas acima de tudo a asa da espiritualidade que em nós existe leva-nos infalivelmente, à reconciliação com fontes eternas de nossa origem. Claro que em figuras morais, das do tipo de Mário Casasanta, quer no fragor das lutas, quer na paz da meditação, sempre surgirá a porcelana fulgente da bondade, o jaspado polido da ternura alta, o espelho puro, lampejante, de quem soube ser a um tempo a modéstia e a inteligência a serviço dos ideais que ternamente amou, dentro do lema de um dos luminares de nossa Minas imortal, proclamado no extremo alento de vida — *Deus, Pátria e Família*. A nossa admiração, ora enevoada de magoa, permite-nos exclamar — Como foi grande verdadeiramente grande Mário Casasanta na modéstia quase escondida de sua existência! Faça-nos Deus dignos de sua memória, na condição de exemplo admirável para todos nós, na posição de doce de nossa estima e mestre perfeito da ternura e da fraternidade. Faz jus ao famoso verso do florentino famoso — *Tu duca, tu signore e tu maestro!*



Remessa 345

B. 146 - 20-8-63

Imprensa Oficial

## Mário Casasanta

*Oswaldo Neves Massote*

Dentre os homens que contribuíram para o progresso de Minas, o professor Mário Casasanta tem lugar de relevo incontestável. Homem de cultura, cuja inteligência foi aprimorada na cátedra e nos diversos postos administrativos a que soube dar o brilho de sua capacidade, deixou não apenas entre os que com ele conviviam, mas entre quantos com ele trataram, a afirmação de seu caráter, de sua operosidade, de sua invulgar tenacidade, em busca sempre do melhor e do mais justo.

Privei de sua amizade por uma afinidade muito própria dos que desejam avançar: a imprensa. Guardo, de nossos encontros, desde quando estudante e ele mestre, as melhores recordações e, sobretudo, a certeza de que sua personalidade era inconfundível, não me sendo possível distinguir muito entre o homem de coração e o de espírito. Creio que ambos se confundiam ou, antes, se completavam, para que o professor Mário Casasanta dominasse o ambiente onde estivesse. Sua morte, quando Minas colhia de sua pessoa novos esforços em benefício de seu progresso e da segurança de seu povo, é lacuna que o tempo dificilmente apagará. Continuaremos, entretanto, cultuando sua memória, como gratidão pelo muito que proporcionou às gerações, pelos exemplos que prodigalizou à mocidade, pela segura orientação que imprimiu a seus atos, evangelho a que todos nós devemos, anos seguidos, recorrer.

Nestas rápidas linhas, registro, assim, o que para mim representou a pessoa do professor, do homem culto e, sobretudo, do cidadão.

Origem: Doação

Preço: \_\_\_\_\_

**REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:** Departamento de Educação —  
1.º andar — Secretaria da Educação — Praça da Liberdade  
Belo Horizonte

**TIRAGEM DA REVISTA** (pela qual nos responsabilizamos):  
4.000 exemplares

**ASSINATURA:** 3 n.ºs ao ano: Cr\$ 300,00

**NÚMERO AVULSO:** Cr\$ 120,00

(Toda correspondência deve ser dirigida à ELIZABETH VORCARO  
HORTA no endereço acima).



**NO PRÓXIMO NÚMERO ARTIGOS DE:**

*Abgar Renault*

*Alberto Deodato*

*D. Serafim Fernandes de Araújo*

*Dilermando Rocha.*

Introdução — Elisabeth Vorcaro Horta . . . . . 3

**CONCEITUAÇÃO EDUCACIONAL**

"Educar é, em grande medida, integração à realidade de cada hora" — José de Magalhães Pinto . . . . . 9

**PROBLEMAS EDUCACIONAIS**

Do Ensino da Filosofia no Curso Superior — Arthur Ver-	15
siani Velloso . . . . .	
Educação e Instrução no Ensino de Português — Melânia Silva	20
Educação e Estudos Sociais — Dulce Silvera de Castro . . . .	27
O Enriquecimento do Vocabulário da Criança — Maria Yvonne	
Atalécio de Araújo . . . . .	29
Como Dar a Noção Exata do que Seja Fração — Helena Jorge	41
Como Levar o Aluno a se Familiarizar com as Frações Ordina-	
rias Equivalentes à Percentagem — Maria A. Passos	
do Carmo . . . . .	57
Estudos Sobre os Questionários Remetidos às Escolas Nor-	
mais do Estado — Hilda S. Soares Fonseca . . . . .	63

**LEGISLAÇÃO ESCOLAR**

Portaria n.º 87, do Sr. Secretário da Educação — Estabelece Normas à Conduta dos Alunos e à Ação Disciplinar da Escola . . . . . 73

**CIÊNCIA PARA TODOS**

Malária — A Doença mais Mortífera do Mundo — Salvador Pires Pontes . . . . . 81

**ATUALIDADES**

Posse dos Novos Membros do Conselho Estadual de Educação	93
Guerino Casasanta — António Ribeiro de Avelar	95
Um Apêlo ao Professor Mineiro — Duntalmo Praseres . . . .	97
Primeiro Congresso Interamericano de Esperanto . . . . .	98
Correspondência . . . . .	99
"In Memoriam" — Elizabeth Vorcaro Horta . . . . .	101
Mário Casasanta — José de Magalhães Pinto . . . . .	103
Mário Casasanta — José Guimarães Alves . . . . .	105
Mário Casasanta — António Camilo de Faria Alvim . . . . .	107
Mário Casasanta e a Assistência Técnica do Ensino — Levin-	
do Lambert . . . . .	111
Mário Casasanta — José Guerra Pinto Coelho . . . . .	114
Mário Casasanta — Aires da Mata Machado Filho . . . . .	116
Minas e os Mineiros na Obra de Mário Casasanta — Wilton	
Cardoso . . . . .	120
Mário Casasanta — Martins de Oliveira . . . . .	128
Mário Casasanta — Oswaldo Neves Massote . . . . .	130